

# **PATRIMÔNIO CULTURAL BOE BORORO E SABERES ANCESTRAIS**

ISBN: 978-85-5760-013-3



FUNDAÇÃO AROEIRA

**rumo**

# **Patrimônio Cultural Boe Bororo e Saberes Ancestrais**

## **Organizadores**

Rosinalda Correa da Silva Simoni  
Robson Max de Oliveira Souza  
Rute de Lima Pontim  
Francesco Palermo Neto  
Ana Paula Moreira Pinto Duarte  
Nádia Belga Alves Oliveira  
Wesley Moura Oliveira Fernandes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas PUC Goiás**

---

Rosinalda Correa da Silva Simoni; Robson Max de Oliveira Souza; Rute de Lima Pontim; Francesco Palermo Neto; Ana Paula Moreira Pinto Duarte; Nádla Belga Alves Oliveira; Weslley Moura Oliveira Fernandes

Patrimônio Cultural Boe Bororo e Saberes Ancestrais / Organização de Rosinalda Correa da Silva Simoni, Robson Max de Oliveira Souza, Rute de Lima Pontim, Ana Paula Moreira Pinto Duarte, Nádla Belga Alves Oliveira, Weslley Moura Oliveira Fernandes - Goiânia: Fundação Aroeira, 2025

Inclui bibliografias

ISBN 9788557600133

46 p: il

1. Arqueologia 2. Patrimônio Cultural 3. Boe Bororo 4. Saberes Ancestrais

I. Rosinalda Correa da Silva Simoni, Robson Max de Oliveira Souza, Rute de Lima Pontim, Francesco Palermo Neto, org. II. Benilton Pereira Kogebou, tradução. III. Título

CDU: 902.2

---

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem a expressa permissão do detentor do copyright, conforme a Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Elaborado no Brasil

## **SUMÁRIO**

<b>6</b>	<b>Apresentação</b>
<b>12</b>	<b>Introdução</b>
<b>14</b>	<b>Fluxos Ancestrais</b>
<b>46</b>	<b>Referências Bibliográficas</b>

# PREFÁCIO

**Francisco Forte Stuchi**

Arqueólogo Analista, IPHAN-MT  
Doutor em Arqueologia, MAE-USP

Prezado(a) leitor(a),

É com imensa honra que recebo o convite para prefaciar "Patrimônio Cultural Boe Bororo e Saberes Ancestrais". Ao longo de minha trajetória como arqueólogo, com especial dedicação à etnoarqueologia e ao patrimônio cultural em Terras Indígenas, em especial no Mato Grosso, tenho testemunhado a resiliência e a profundidade dos povos originários. Esta obra não é apenas um livro; é um marco vital na busca por saldar uma dívida histórica e uma janela para a arqueologia viva – aquela que pulsa no presente, na memória e na voz dos povos que a constroem.

Os Boe Bororo, conforme este livro meticulosamente demonstra, são um testamento vibrante de uma cultura complexa, cujas práticas rituais, cantos, danças, grafismos e, sobretudo, sua intrínseca conexão com o território e seus clãs, formam um patrimônio imaterial inestimável. Em um contexto de séculos de desterritorialização e fragmentação, onde antigas e amplas geografias de vida foram reduzidas a limitadas Terras Indígenas, a sabedoria ancestral e a própria organização social dos Boe Bororo emergem como seu maior legado e ferramenta de resistência.

Este trabalho colaborativo e bilíngue, que dá voz às lideranças e mestres de saber Boe Bororo, transcende a mera catalogação. Ele é um ato de reafirmação identitária, uma ponte entre o passado imemorial e o futuro, garantindo que suas narrativas e sua cosmovisão continuem a inspirar e a educar. Ao mergulhar em suas páginas, somos convidados a refletir sobre a complexidade da relação entre cultura, território e identidade, e a reconhecer nos clãs, nas pinturas faciais e no Cocar Parico, a perpetuação de um povo que, apesar de todos os desafios, segue firmemente ancorado em seus valores e histórias.

Que este livro não seja apenas lido, mas vivido e assimilado, servindo como um convite instigante à compreensão, ao respeito e à ação contínua na salvaguarda dos saberes ancestrais e do patrimônio cultural de um povo cuja resistência é, em si, uma das mais belas e necessárias lições para a humanidade.

Com os mais profundos votos de reconhecimento,

**Francisco Forte Stuchi**

## APRESENTAÇÃO

## AINORE AWU BAPERARE

O patrimônio cultural imaterial compreende práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, grupos e indivíduos reconhecem como parte integrante de sua identidade e memória coletiva.

No Brasil, o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial como instrumento fundamental para a valorização e preservação dessas manifestações. Esse decreto também criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), responsável por identificar, documentar e apoiar os bens culturais que compõem a diversidade cultural brasileira.

Para os povos indígenas, como os Boe Bororo, esse instrumento jurídico e cultural tem importância crucial. As práticas rituais, os cantos, as danças, os grafismos, pintura corporal, a língua, os modos de vida e o sistema cosmológico Boe Bororo constituem não apenas expressões artísticas, mas também elementos estruturantes da sua organização social e de sua visão de mundo.

O registro desses bens como patrimônio cultural imaterial contribui para a proteção de saberes ancestrais, evitando o apagamento ou a descaracterização diante das pressões externas e da expansão de valores coloniais.

Awu patrimônio boe ero rogu boe, aidure tuwo boe edudo nuba boe erore, boe emaragodaere, nuba boe egore, nuba boe erore tueda boe keje, boe erugadu boe eduwawo ji ewiagodu kawo piji.

Woe Brasil keje, awu Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, ere nowu registro towuje, dujire egore Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial padure nowu bapera keje ekawo awu paro rogu boe akedudo etaiwo ji akedu kawo, dukodire padure nowu bapera kurireu keje. Nowu decreto keje jamedu ere Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), emare marogudure nowu inoduji, emare umode bapera kurireu (documento) towuje, emare aiwo mode nowu boe erro rogu boeji, boe, barae ero kurireu boeji brasileiro doge.

Ainore boe erugadu boe erore, Boe Bororo doge, nowu bapera ere towujeu, keje padure etuwo awu boe ero rogu boeji akedu kawo. Awu boe ero boe, boe era, boe erure, boe ejera, boe ewadaru, nuba boe ero kigodore tueda keje, boe ero jetu kimore kodi, dukodire rugadu boe padure nowu bapera kurireu keje.

Dukodire ere nowu bapera atugudo, awu boe ero paduwo keje, akedu kawo dujire egore proteção de saberes ancestrais, dukodire akedu mokare padure nowu bapera keje, boe ewiagodu kawo turo piji, barae epuredugodure pagae

No caso específico dos Boe Bororo, a preservação de suas práticas rituais como os ritos funerários, que possuem centralidade na organização social e espiritual do grupo representa a continuidade da relação com o território, com a memória dos antepassados e com a cosmologia que orienta o viver coletivo. O reconhecimento oficial por meio do registro fortalece o direito desses povos à autodeterminação cultural, reafirma sua presença histórica e garante a transmissão de saberes para as novas gerações.

Assim, o Decreto nº 3.551/2000 não se restringe a um procedimento burocrático: ele é um instrumento de resistência e salvaguarda da diversidade cultural brasileira. Para os Boe Bororo, significa a possibilidade de manter vivos seus sistemas de conhecimento, consolidando-os como parte essencial da riqueza cultural do país e assegurando que suas identidades permaneçam respeitadas e valorizadas.

Assim, livros como este se tornam um instrumento não apenas de divulgação da cultura desse grupo como também auxiliam na proteção desses saberes, pois, em suas páginas encontra-se uma parcela, mesmo que pequena, das narrativas ancestrais dos Boe Bororo. Além de conceitos essenciais para a compreensão da cultura ancestral viva e praticante nas aldeias Boe Bororo.

E por falar em cultura, vale uma breve discussão sobre o tema não apenas na perspectiva da Antropologia e ciências afins que tem na cultura se foco de estudo, mas na cosmo percepção dos povos originários, com ênfase nos Boe Bororo.

Em termos mais didáticos podemos afirmar-que a

kodi, boe ewia paga kawo barae eroji mitotoduji.

Awu Boe Bororo doge pagi, boe etuwu nowu turo rogu boeji, awu boe emaragodu goduji, boe emaragodu godu, boe ero kurireu reno dukodire boe ewadae kare gure ema, nowu meri keje aroe doge ere tudo pui woe boe eno moto kae, ainore mariguduge boe erore kodi, woe boe eda rogu boe keje. Dukodire ere nowu bapera atugodo boe ero kurireu boe bu keje, boe ewiagodu kawo turo boe piji, awu rijodore maiguduge eduwo ji, eduwawo ji, ewiagodu kawo piji, dukodire eru bu nowu bapera keje akedu kawo.

Ainore, awu Decreto nº 3.551/2000 ainore ure nowu bapera keje, boe etaiwo mode ji, boe eduwa mode nuba ure: awu bapera keje padure emare jeture boe ero rugadu boeji, brasileiro doge ero rugadu boeji Aino awu Boe Bororo doge etai awu bapera pemegare rugadu, awu boe ero rogu padure keje kodi, barae eduwo nuba boe erore, emeatoruwo boe, awu boe ero akedu kawo, paduwo awu bapera keje akeduwo kawo, boe etaiwowo ji.

Dukodire awu bapera egore livro ino ji, towujedu paga karegure, towujedu karegure boe, barae etaiwo ji eduwo nuba boe erore, towujedu nure boe ero paduwo keje, boe ero akedu kawo, boe etaiwo bogia tuwia godu mode piji dukeje, nowu bapera keje ia boe eno bakaru padure, maka kare mare padure keje, boe bororo doge eno bakaru.

Padure jamedu awu bapera keje nuba boe ero rogu boere, boe ero akedu kare kodi, boe eda rugadu boe keje boe ero jetu kimore, dukodire eduware tuwo awu bapera towuje.

Jamedu boe emagore, boe ero jitu keje, boe emagore biagatu je kaboba jiba awu bapera marogudure,

cultura é o que nos caracteriza e qualifica como seres humanos e, por meio dela, realizamos a transformação da natureza “dada”, atribuindo-lhe significados. Esta ação é fruto de um processo social de criação que oferece ao ser humano a consciência, o saber que sabe. Por meio de sua relação com o mundo e com a natureza, ele cria então o mundo da cultura.

Em resumo, a cultura pode ser entendida como o conjunto de saberes, fazeres, símbolos, narrativas e práticas que orientam a vida dos indivíduos e grupos sociais, constituindo seu principal patrimônio. Ela não é estática: transforma-se ao longo do tempo, mas sempre preserva elementos herdados das gerações anteriores.

A Constituição Federal de 1988 reconhece a cultura como as “formas de criar, fazer e viver” dos povos, garantindo o direito ao acesso e à vivência cultural. Assim, cultura não é apenas festas ou grandes celebrações, mas também a vida cotidiana, os ritos, a memória e a identidade de cada comunidade na maneira de se relacionar com o mundo e todas os seres.

Por sua vez o patrimônio cultural, material ou imaterial, funciona como elo entre memória, tradição e

kaboba kodiba awu bapera towujedure, nowu antropologia e ciências emedaji karega, boe emedae tabo, boe etaiwore jitu tabo, uwo aino Boe Bororo doge emadae reore.

Ainore erore ji, egore boe ero jetu kimoe boe pagabo, dukodi nowu paro goiae umode, Boedo pagi, paro uie tuginai pamedage boe pegareuge epiji, boe pagi paro rogu kurie pamedoruie nuba itura, pobo nuba romode pai,

pijire aroe nowu inodu kodi boere kodi, joduware bakaru jiboe eduware nowu inodu kodiboeji, kodiba ure aino. Boe emetorure nowu inodu otojiboeji, boe ero paga paga kareguure, woe boe eda keje, boe ere turo tawuje, dukodire boe erare, boe ererure, ainore marigudu boe ero kigodore kodi, dukodire boe ero jetu kimo.

Ainore ure, awu boe ero boe, boe era, boe ejera, boe eno bakaru, awu boe ero, akedu kawo pawo towuje, pawo boe eduwado ji, awu riçodure ainowuge eduwawo ji, dukodire egore pago patrimônio nure nowu paro rogu boe, dukodire egore pagaiagu nowu paro kurireu pijido. Iadukeje umodui tugina mare pega kare, nowu paro kurireu boe, mariguduge eie pu joduwado, tukodui paro akedu kare, aino jamedu awu joduwareuge ere aidureuge boe eduwado turawo, nowu inodu akedu kawo, boe nure pagi kodi.

Nowu Constituição Federal de 1988 jodure awu boe ero kurireuji, akore pemegare rugadu, boe ero akedu kawo, nowu bapera keje padure boe ero akedu kawo, boe eduwawo ji, boewo towuje, boe emagowo tuwadarabo tabo, nowu inodu goiae ure Boedo pagi. Dukodire padure nowu bapera keje, boe ero kurireu, boe ewadae karega nowu inodu rema, dukodire boe kigodore tudo pui toro baiado turawo, tumagawo pui nuba marigudu wuge ero kigodore, tuwia akuruwo toro nuba jaboe ero kigodore tura tabo.

Dukejere awu patrimônio cultural, material ou imaterial, ainore ure, maragodore mariguduwo boe eduware jiboe rogu boe tabo, tuwo boe ewia butudo toro marigudu boe keje, boe ero keje, nowu inodure umode boe Bororo udo pagi, jamedu boe ero kurireu akedu kare jetu kimore, dukodire awu bapera towuje dure.

identidade, sendo continuamente ressignificado e resguardado nas subjetividades, ou seja, seu modo de perceber o mundo em suas diversas dimensões.

Do ponto de vista dos povos originários, como os Boe Bororo e outros, a definição de cultura dialoga profundamente com sua cosmovisão. Para eles, cultura não se separa da vida ou da natureza: é a própria forma de existir em relação ao território, aos ancestrais e ao cosmos.

Assim seus ritos, mitos e narrativas ancestrais são expressões de conhecimento que garantem a continuidade do grupo e a transmissão de valores. Vale destacar que todos somos natureza. Os povos indígenas e tradicionais têm esse traço bem marcante em sua relação com o território e seu vínculo com a natureza.

Enquanto a sociedade ocidental tende a definir cultura como produção humana distinta da natureza, os povos originários a compreendem como um modo de viver integral, em que memória, espiritualidade, território e identidade se fundem. Por isso, a preservação cultural indígena não é apenas um direito constitucional, mas também um ato de resistência e de manutenção da vida coletiva.

Nesse contexto, projetos como esse que visam também escrever um livro bilingue sobre o patrimônio cultural Boe Bororo em parceria com professor indígena Boe Bororo<sup>1</sup> ganham relevância especial. A escrita, quando

<sup>1</sup> Imi ikiere Benilton Pereira Kogebou. Mora na aldeia Korogedo Córrego Grande. Atua há 13 anos como professor, na Escola Estadual Indígena Korogedo Paru. Foi Coordenador Pedagógico nessa escola de 2016 a 2017, atualmente é professor e, também, orientador dos “Saberes Indígenas na escola”, foi professor auxiliar na Faculdade Indígena Intercultural-Faindi/Unemat. Atua como formador em Pedagogia Intercultural, é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural - PPGCEI, turma 2023.

Boe etaiwore nowu baeraji tuioku tabo tuiduwa pemegawo nuba ure, Boe Bororo doge etaiwo ji jamedu, eduwawo nuba boe ero, nuba mariguduge ero kigodure.

Boe etai, boe ero kuriČigo, Boe emeatorure awu aregodu mode itura pijiboeji, pobo pijiboeji, dukodire boe kigodu kare nowu itura butudo akedudo, nowu pijire aroe etaregodu kigodure kodi, dukodire boe ematorure nowu inodu rogu boeji.

Ainono nowu boe ero, boe eno bakaru mariguduwu boe, boe towuje pugeje, boe eduwo ji pugeje, dukodire ere awu bapera atugodo paduwo keje. Boe erugadu boe eduwo kaiboba piji pagaregodure, itura piji dukeje, pobo piji dukeje, nowu inodore padure awu bapera keje, jamedu awu pago moto jiboe padure keje, nuba paro kigodure woe pago moto keje, pamago tabo pawadaru rogu boeji, paetuwo paro rogu boeji akedu kawo, nowu inodore padure awu bapera keje.

Dukeje baradoge ero ure tuginoi paro piji, emage emetoru kare awu pametorure jiboeji, egai ero ure turugadu, edu moture nowu turo boeji, boe pagi rema pameatorure, aregodure pobo piji boeji, itura pijiboeji, pametorure marigudu boeji, pametorure aroe dogei, aroe doge etaiwo mode mato pai duji, barae rema ematoru kare nowu inodu boeji, dukodire awu paro rogu boe jetu kimore pagabo, petuwo ji, pagaiwo ji akedu kawo.

Dukodire awu inodu projeto ure awu inodu bapera towuje, egore um livro bilingue sobre o patrimônio cultural Boe Bororo, awu bapera towujedure, ia bapera epa Boe Bororo apo, emare ure tugera bararedo awu bapera towujedo duwo. Dukodire awu bapera pemegare rugadu,

realizada de forma colaborativa, envolvendo anciãos, mestres de saber, jovens, pesquisadores da própria comunidade, torna-se ferramenta de fortalecimento identitário e de salvaguarda de memórias.

Essa prática garante que as narrativas não sejam apropriadas ou fragmentadas, mas expressem a pluralidade das vozes Boe Bororo, respeitando a oralidade como fundamento e possibilitando que ela se traduza em registros escritos para futuras gerações. Assim, a escrita colaborativa se consolida como um ato de diálogo entre saberes acadêmicos e tradicionais, promovendo não apenas a documentação do patrimônio cultural, mas também a valorização da autonomia indígena sobre suas próprias histórias e modos de vida.

Sobre o patrimônio cultural Boe Bororo, são muitos os exemplos de manifestações culturais consideradas como bens patrimoniais. Assim, aqui vamos citar, no decorrer dessas páginas, os patrimônios culturais apontados na pesquisa do professor e parceiro Boe Benildo Pereira Kogebou e em narrativas coletadas durante a pesquisa de campo com os caciques da aldeia Tadarimana com ênfase na narrativa do chefe de cultura Bosco Arquimedes Marido<sup>1</sup> Kurireu e Korogedo.

Em resumo, este livro nasce do intuito de reconhecer e fortalecer a relação entre o patrimônio cultural Boe Bororo e a arqueologia viva, aquela que dialoga também com os povos do presente, com suas memórias, territórios e saberes ancestrais; com o desejo de ampliar a compreensão sobre os patrimônios culturais, desse grupo, mas sobretudo no desejo de uma escrita colaborativa entrelaçando de forma bilingue o projeto em si aos conceitos vivenciados pelo grupo.

Nas próximas páginas deste livro você vai encontrar conceitos básicos para compreensão do que é patrimônio cultural, arqueologia e narrativas ancestrais narradas pelas lideranças locais, na busca pelo registro e promoção do patrimônio cultural e arqueológico dos diversos clãs que formam os Boe Bororo. Essa obra se justifica na relevância pelo seu registro colaborativo, transmissão de memórias e fortalecimento identitário. Venha conosco.

Boa leitura.

**Rosinalda Correa da Silva Simoni**

**Quilombola**

**Arqueóloga**

**Doutora em história pela UNESP**

<sup>1</sup> Chefe Bosco Arquimedes Marido, é Chefe de cultura da aldeia Tadarimana, ao ser indagado sobre o significado da palavra Marido do seu nome ele afirmou que significa roda grande usada nos rituais e o nome do buriti palmeira da região.

towuje dodure bapera epa apo, boe emejerage ebo, ipare, nogware ebo, joduwareuge erugadu boe apo, emagere ere tugera bararedo pui awu bapera towuje doduwo, dukodire awu bapera ure turugadu erugadu boere tugera bararedu pui, jamedu awu bapera mugu mode woe paeda keje rugadu, pagaiowo ji, pawia godu kawo, boe paro ro boe piji.

Awu bapera keje padure, nowu pamagore jiboe padure keje, pago bakaru padu mode keje, awu boe bororo doge ero padure keje, dukodire towu jedure barae ewadaru tabo, boe ewadaru tabo jamedu, joduwa kare barae ewadaru jiuge, etaiwo mode awu baperaji emago mode ji boe ewadaru tabo, awu riçodu mode ainouge etaiwo ji, eduwa pemegawo nuba boe ero kigodore marigudu. Dukodire ure awu bapera keje, awu joduware tuwo bapera towuge, ewo towuje nuba boe ero rogu boere, akedu kawo, paduwo awu bapera keje, bepera kurirewo ema awu patrimônio cultural jiboewo ema, boe eduwawo boe pago bakaruji.

Awu patrimônio cultural Boe Bororo, makare boe etiwovo bagai, nowu boe ero kurireu boe, dujire egore patrimônio aino. Dure padu mode awu bapera keje, patrimônios culturais padure ia bapera keje, bapera epa Benilton Pereira Kogebou marogudure jiu bapera keje, jamedu awu boe eimejerage Tadarimana tadauge emagore jiboe padure awu bapera keje jamedu, boe eimejera Bosco Arquimedes Marido makore jiboe padure awu bapera keje jamedu.

Dukodire awu bapera (livro), towujedu nure paduwo keje awu bo ero boe, marago duwo patrimônio Boe Bororo doge ero boe ji, nowu arqueologia tabo jamedu, makowo ia dukeje atugowo nowu bapera keje, uwo ainono awu maigoduge emeada ji jamedu, emagowo nuba boe ero kigodore woe boe eno moto keje, nuba etaidure turomo pugeje tumara godu tabo, eduwa pemegawo patrimônios culturais jiboe ji, emagere emode nowu bapera atugodo tumedae tabo, taiwo tabo nuba boe ero rogu boere, awu bapera mode boe ewadaru tabo, umode barae ewadaru tabo jamedu, dukodire awu barae etu kigodore mato taiwovo nuba boe ero kigo dure, tuwo awu bapera atugodo.

Awu bapera keje audumode nuba egore nowu patrimônio cultural, jiboe ji, arqueologia jiboe ji jamedu, adumode ia boe emagore jiboe rogu boe ji, boe eimejerage emagore tuidure kejeu moto jiboe rogu boe ji, etaiwore ia baperato jamedu nuba boe ero kigodore, nowu tuwo boe jamedu awu Boe Bororo doge. Awu bapera towujedure, boe erugadu boe etaiwovo to, boe eduwawo nuba boe ero kurireure. Dukodire inagoino tai tagaiowo awu bapera to.

# INTRODUÇÃO

Este livro Patrimônio Cultural Boe Bororo e Saberes Ancestrais nasce da necessidade de reconhecer, valorizar e fortalecer a profunda relação entre o patrimônio cultural e aquilo que chamamos de arqueologia viva, aquela que não se limita a ruínas ou vestígios do passado, mas que se constrói no diálogo constante com os povos do presente, suas memórias, territórios e tradições.

Ao reunir reflexões, conceitos e propostas, nossa intenção é ampliar a compreensão do patrimônio, indo além da ideia restrita de monumentos, para comprehendê-lo como vida, resistência, identidade e pertencimento. Para os Boe Bororo, o patrimônio é parte inseparável da existência coletiva: está nos rituais, nas narrativas, nos cantos, nas práticas cotidianas, nas relações com a terra e com o cosmos. Preservá-lo, portanto, é também garantir a continuidade da vida e da memória.

Este material foi produzido no âmbito do Projeto Integrado de Educação Patrimonial da Ferrovia de Integração Estadual Senador Vicente Emílio Vuolo, no estado de Mato Grosso: Patrimônio Arqueológico e Saberes Ancestrais, sob responsabilidade da equipe de Educação Patrimonial da Fundação Aroeira, sediada em Goiânia.

Aqui você encontrará conceitos básicos, relatos de experiências, todas voltadas para promover a visibilidade e o reconhecimento do patrimônio cultural e arqueológico. Mais do que um livro, este material se apresenta como um

Awu bapera Patrimônio Cultural Boe Bororo e Saberes Ancestrais, towujedure tuwo boe eduwa pemegado, nuba boe erowo tumara goduwo nowu boe ero kurireu tabo, awu patrimônio cultural uwo ema, dujire egore arqueologia viva aino, nowugere emarago dure awu inodu tabo, etaiwore nuba marigudu wuge ero kigodore, dukodire ekigodu kare bapera atugo paga pagado, emarogodu raire ji, taiwo tabo umode turugadu boe emedae ji dubogai, enarare boe ainonore umode du bogai, emode udo turugadu dukeje ere boedudo ji pugeje, dukodire emaragodae pemegare.

Dukejere ere rugadu boe to pui, tuiduwo ure turugadu du bogai, ure turugadu dukeje ere atugodo awu bapera keje, ainore nowu patrimônio ure, emagore emadae pemegare etaiwoere toro boe etododai nuba umode, nuba boe ero mode. Aino Boe Bororo doge eno patrimônio ure, maragodore boe erugadu boe etai, mugure boe ero kurireu keje, eno bakaru keje, boe eradodore jiboe keje, boe era keje, mugure boe ero rugadu boe keje, boe eno moto keje. Dukodire egoindo nowu boe ero akedu kawo, boe etu peme gawo ji, boe ewiagodu kawo piji, metuwo boe etaora tada.

Awu bapera towujedure aino awu Projeto Integrado de Educação Patrimonial da Ferrovia de Integração Estadual Senador Vicente Emilio Vuolo, no estado de Mato Grosso: Patrimônio Arqueológico e Saberes Ancestrais, emagere eduware tumara goduwo nowu inodu tabo, dukodire

convite: caminhar juntos com os Boe Bororo e outros povos originários em uma viagem cultural que une passado, presente e futuro na luta pela preservação da memória e pela afirmação identitária.

emagere emaragodore awu inodu ji, emagere eture awu inodu ji, dukodire ere awu bapera atugodo, awuge jamedu Fundação Aroeira emugure Goiânia keje.

Woe adumode nuba erore nowu tumara godae ji, awu bapera keje boe eduwa pemega mode, boe etaiwo ji, nuba erore tumara godu tabo, rugadu boe padu mode awu bapera keje awu patrimônio cultural e arqueológico jiboe jamedu, padure awu bapera keje. Awu bapera pemegare rugadu, dukodire egoindo tagaiwowo ji, tadtua pemegawo nuba emarogudure nowu inodu boeji, tuwo Boe Bororo doge ero kurireu bu awu bapera keje, dukodire emara godure marigudu boe tabo, maigo du boe tabo jamedu, tuwo boe edudo nuba boe erore marigudu, jamedu nuba boe erore maigodu aino, erore ainono boe ewiagodu kawo piji, metuwo boe etaora tada, nowu inodure ure boe kuri reugedo pagi.

# **FLUXOS ANCESTRAIS: O RIO VERMELHO E OS BOE BORORO; ORIGEM MÍSTICA E ORIGEM HISTÓRICA**

A história do povo Boe Bororo é marcada por uma profunda articulação entre o plano místico e o plano histórico. Ao longo de gerações, os Boe Bororo têm transmitido por meio da tradição oral narrativas cosmogônicas que explicam a origem do mundo, da vida e da própria organização social.

Esses relatos míticos não são apenas mitos no sentido ocidental do termo, mas constituem uma verdadeira filosofia da existência, onde espiritualidade, natureza e sociedade se entrelaçam em um sistema de significados. Ao lado dessa origem mítica, a história escrita e documentada dos Boe Bororo revela o impacto do contato colonial, das missões religiosas e das transformações territoriais impostas pelo avanço do estado e da sociedade envolvente.

Compreender a origem dos Boe Bororo, portanto, implica reconhecer o diálogo entre duas dimensões: a história mítica, que afirma sua cosmovisão, identidade e valores ancestrais, e a história factual dita histórica, marcada por conflitos, resistências e processos de reinvenção cultural. Mais do que dois caminhos separados, essas dimensões coexistem e se complementam, oferecendo uma visão integral da experiência Boe Bororo.

Ao analisar a origem mítica e a origem histórica, este trabalho busca evidenciar a riqueza da tradição Boe

Awu bakaru Boe Bororo doge emagore ji boe, eradodure nuba boere marigudu, boe emaragodu paga karegure, boe karegure Boedo paga paga. Ere pu joduwado nowu inodu akedu kawo, awu Boe Bororo doge emago nure pui, enure pu joduwado turadodu tabo, eradodure nuba boere awu moto keje, nuba boere woe awu tuieda keje, boe emugu paga paga karegure, emugu pemega nure tumuga boe keje.

Awu boe emogore jiboe, boe emago paga karegure ji, boe eno bakaru nure ema, ure tuginoi barae eradodae piji, dukodire boe emea torure pu bataruji, boe emea torure aroe dogei, boe emeture etaregodure pobo piji duji, itura piji duji, nowu inodu oto jiboere kodi, nowu inodu paga paga karegure. Nowu boe eno bakaru tabo, boe emagore jiboe padure awu bapera keje, padure jamedu nuba barae erore boe dogei marigudu, etaidure boe ekoduwo tumedae rekodaji, barae etaregodure woe boe eno moto kae turo pegawo boe, nowu inodu akedu kare jetu kimore, marigudu baraaere turemo boe eno mototo, turo pega boe tabo, etaidure tuwo boe ero akedudo.

Boe eduwawo kaboba piji ba Boe Bororo doge etaregodure, nowu inodu çare boe enara mode nowu joduwareugei, boe eduwawo nuba ure, bakaru nure ema kodi, dukodire boe erugadu boe karega eduware ji, dukodire nowu joduwareuge eradodure dukeje, boe ewia pagare

Bororo e sua relevância para a história indígena do Brasil, reafirmando a importância das narrativas orais como fontes de conhecimento e resistência frente à colonialidade. Assim, o que segue abaixo são narrativas ancestrais a primeira registrada pelo indígena Benilton Pereira Kogebou, morador e professor dos anos iniciais na TI Korogedo (Tereza Cristina, MT) .

Esta narrativa compõe sua dissertação de mestrado defendida no Programa de pós-graduação em Ensino em contexto Indígena Intercultural da Universidade Estadual do Mato Grosso no ano de 2025. Em sua pesquisa o professor indígena registra parte dos rituais vivenciados nas aldeias Boe Bororo, seu texto é uma autoetnografia e seus registros são de extrema importância para o fortalecimento cultural e existencial dos Boe Bororo.

Antes de trazer a narrativa, o professor apresenta seu narrador. Segundo Pereira (2025) o senhor Joaquim Batista Burudui nasceu no dia 24 de junho de 1935. Ele pertencia ao clã Tugarege e ao subclã Aroroe, e era um chefe da cultura, um Boe Eimejera. Seu Joaquim faleceu no dia 10 de novembro de 2024, e teve seu funeral Bororo na aldeia Tadarimana, onde os seus familiares moram.

O autor afirma que o senhor Joaquim deixou orientações e histórias para o povo, registradas em sua dissertação. Ressalta-se que a maior parte das pesquisas do professor Benilton Pereira foi e é sobre o Boe Eiedodu, e foi feita com o senhor Joaquim. Ao ser indagado sobre a origem do povo Boe o ancião narra essa história:

Em um certo dia, os homens foram pescar com Kuro (timbó) e fizeram Kago

emagore ji boejei, iage egore marigudu barae, boe pegareuge erugodu kigodui boe jamedu, mare boe etagedu kare, boe ere tudurudo pudui marigudu nowu meri keje, dukodire boe etagedu kare, boe edu kimore aino, Boe Bororo doge edu kimore, ewiagodu kare turo rogu boe piji.

Aino itaiwore awu boe eradodore kaboba piji ba boe etaregodure, awu bapera towuje dodure nowu inudu bagai rugadu, boe eduwawo kaboba piji ba boe etaregodure, nuba Boe Bororo doge ero, boe doge eno bakaru mugure woe Brasil keje, Boe emagore jiboe kuriçigo dukodire akedu kare. Dukodire padure awu bapera kejeu boe eradodae, boe ero, boe marigudu tabo, emare ure atugodu to bapera keje Benilton Pereira Kogebou, bapera epa, mugure boe eno moto TI Tereza Cristina, boe eda Korogedo Paru keje.

Padure awu bapera kejeu atugo, mugure nowu dissertação de mestrado keje, defendida no Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade Estadual do Mato Grosso no ano de 2025. Nowu tumaragodae keje, nowu bapera epa, ure bapera atugodo nowu tumugureu keje rugadu, nuba ero kigodore nnowu tuidea keje, nowu bapera jire egore etnografia aino, jamedu nowu bapera keje ia boe ero jedure jamedu, akedu kawo, jetuwo nono, boe etaidu mode dukeje etaiwo mode nowu ure towu bapera ji.

Awu keje uradodu mode, mare nowu bapera epa ure boe eduwado, ure tuwie nowu bakaru jiu, boe eimejeraji, boe eimejera Joaquim Batista Burudui, o joru buture kejeure 24 de junho de 1935. Ema Tugaregedu nure ema, aroreda nure ema, Boe Eimejera nure ema. Mare Burudui bire 10 de novembro de 2024 keje, Boe Emaragodu godure ji toro boe Tadarimana keje, torore uwoboe edure kodi.

(armadilha para pegar peixe). Todos os homens da aldeia foram pescar, se reuniram todos no pátio da aldeia e foram até o local onde vai fazer o timbó, apenas um homem que chamava Meriri Poro ficou para traz. Ele estava fazendo sua flecha, e seu filho queria ir na pescaria também, então, perguntou ao pai se ele poderia ir pescar, o pai respondeu não, mesmo assim, o menino foi escondido atrás dos homens onde colocaram o Kago. Meriri Poro pertence ao subclã Aroroe. O menino foi até o local onde estava o Kago, onde os homens estava todos reunidos. Ele encostou perto do Kago e viu que tinha muito peixe, e tinha um homem que pegou um peixe e mostrou para o menino, falando: "esse peixe parece com órgão genital de sua mãe". Todos os homens que ali estava começaram a rir do menino, alguns até repetiram a mesma coisa, que o peixe parecia com o órgão genital da mãe dele. O menino não gostou da brincadeira e voltou para aldeia, levando o peixe com ele (esse peixe era o pacu lava que tem um formato redondo, por isso os homens compararam com órgão genital da mãe do menino).

O menino voltou para aldeia e foi direto para casa, onde o pai dele estava. O pai continuava arrumando sua flecha, o menino chegou, se aproximou do pai, mostrou o peixe pacu lava para ele, dizendo: "os homens que estava lá disseram que este peixe parece com órgão genital da minha mãe". O pai perguntou para o menino: "o que eles disseram?" "Falararam que o peixe parece com órgão genital da minha mãe." O pai ficou nervoso ao ouvir o que o filho contou.

Meriri Poro esperou todos os homens voltar da pescaria e, assim que todos voltaram, ele foi até o local onde fizeram o kago. Ao chegar no local, ele olhou na água e se deparou com dois aroe, aroe jakomea (espíritos do mal). Ele flechou nos dois, e ao acertar eles, a água começou encher. Então, ele correu até a aldeia, foi na casa dele e falou: "Se cuida, dá um jeito de correr!" Foi isso que ele falou com a esposa dele, sem dar nenhuma explicação sobre o acontecido. E a água chegou muito rápido, começou inundar tudo. Meriri Poro começou correr e a água inundou todo a aldeia, ninguém conseguiu sobreviver. Ele continuava correndo até avistar um morro, e ele subiu o morro até em cima. Ele ficou parado lá em cima, olhando água que estava quase chegando aonde ele estava. Foi aí que ele teve ideia de fazer fogo, e pegou duas pedras começou esfregar no outro até acender. Ele conseguiu acender o fogo, ficou olhando para baixo; foi então que ele começou catar as pedras que estava lá em cima, começou esquentar no fogo. Ele pegava a pedra quente e jogava na água, e água começava baixar, ele ficou impressionado com isso, ele continuava jogando as pedras na água, até água baixar, pois fazendo isso água abaixou.

Meriri Poro, ao ver que a água baixou tudo, já não tinha mais, ele desceu até em baixo para ver como estava. Ele viu que a água inundou tudo, só tinha ele que sobreviveu. Ele olhou para cima, depois para baixo e disse: "acabei matando todo meu povo!" e continuava ali parado. Foi então que ele viu um vulto, alguma coisa andando no mato entre as árvores, e foi até lá para ver e não viu nada. O vulto estava do outro lado, ele foi até lá, viu que era um animal chamado pobogo (veado), então, Meriri Pororo perguntou: "quem é você?" E o animal respondeu: "eu sou pobogo, único animal que sobreviveu a inundação. Foi então que começaram a conversar, e até namorar com outro. Um certo dia, pobogo engravidou do Meriri Poro, mas da primeira gravidez nasceu um animal parecido com a mãe. Na segunda gravidez, nasceu metade homem e metade animal; na terceira gravidez nasceu uma pessoa perfeito, não tinha nenhum traço de animal, nasceu bem parecido com o pai. Assim, a partir dessa gravidez, foi nascendo mais pessoa. Foi, então, que Meriri Poro fez a aldeia no formato tradicional, com as casas disposta cada um no seu lugar, e foi dividindo as pessoas, deixando cada um em uma casa, dizendo assim: "você vai ser desse clã e você tem a obrigação de aumentar as pessoas do seu clã, e assim repovoou os Boe Bororo novamente, conforme a nossa tradição. Então nos viemos dessa cruzada do Meriri Poro com Pobogo (veado). Por isso, nós, povo Boe Bororo temos a origem com esse animal, porque foi da cruzada dos dois, após a inundação que meu povo surgiu novamente, por este motivo nos temos um respeito muito grande por este animal, que faz parte da nossa

origem).

Segundo o ancião Joaquim Batista Burudui, toda essa história ocorreu em Cuiabá (Ikuapa) mais precisamente no rio Coxipó, conhecido na língua materna como Kujibo po. Foi nesse rio que fizeram o kago (armadilha para pegar peixe). E o morro onde Meriri Poro subiu para sobreviver era o morro de Santo Antônio do Leverger, pois todo esse lugar é onde nosso povo mais andou, onde já teve a grande aldeia do povo Boe. Por isso, nosso povo tem sua história no estado de Mato Grosso, principalmente, em Cuiabá, território Boe. Portanto, a ocorrência do fato aconteceu através de uma atividade de práticas em pescaria com timbó, um conhecimento milenar do povo Boe, que é praticado até hoje nas aldeias Boe Bororo. E as circunstâncias da inundação aconteceram por causa de uma provocação ou brincadeira de um adulto com uma criança, que tinha pouco conhecimento das variedades de peixe, ao perguntar que tipo de espécie era, ao indicar o peixe no kago. O homem, ao responder para a criança, dizendo que o peixe era parecido com a vagina da mãe da criança, repetindo constantemente essa informação, deixou o menino magoado com isso. Assim, o menino foi até a aldeia e avisou ao pai sobre o acontecimento e, furioso, o pai vai até o kago (armadilha de pegar peixe). Lá encontrou dois aroe jakomea (espiritos do mal), flechou os dois, e começou inundar tudo, acabando com todos da aldeia. Após a inundação, o próprio Meriri Poro repovou o povo dele novamente, através da relação dele com o animal pobogo. E assim é o mito da origem do nosso povo Boe Bororo. Passamos, a seguir, para o próximo tópico, em que apresento a você, um pouco da história do meu povo (PEREIRA, 2025 p.17, 18).

Precisamos ressaltar que há muitas outras narrativas ancestrais sobre a origem dos Boe Bororo, podemos afirmar uma para cada clã. Todas foram consideradas, porém a narrativa ancestral de origem aqui transcorrida foi a selecionada/ permitida pelo nosso parceiro de escrita, professor Benilton.

Nowu Bapera epa akore pagimejera Burudui uie tuiduware jiboe rogu boe pijido boebo, akore tuie nowu ia makore jiboe rogu atugodo to dissertação keje, Jamedu nowu bapera epa Benilton Pereira Kogebou, towu jedure Boe Eiedodu jiboe ji, towujedure boe eimejera Burudui apo. Dukodire ainore akore Bakaru ji, nowu Boe etarego dure pijiboeji ainore ure:

Ia meri keje, ime eture tuwoguwo kuro tabo ere kago towuje toro tuwo tugerau kare ei. Nowu ime ba tadauge erugadu boe eture toro tuwoguwo, ere tudo pui toro bororo keje nowu boe piji eture toro kaiba tumode kuro bu, ia imedu ure mito tuje iere Meriri Poro emare mugure eiageje. Unure tudugo towuje, onaregedu imedu rogu aidure tuduwo tuwoguwo jamedu, dukodire unarare tuwoji taiduie tuduwo tuwoguwo, umode tududo du bogai, uwo akore boro atu kaba, marae nowu nogedu rogu uture rugadu, nowu nogedu rogu uture tuwo je paga keje, ime eregodaji toro ere kago padureu ka. Meriri Pororo aroredu nure ema.

Nowu nogedu rogu uture toro kago padureu ka, toro ime erugadu boe edure. Kodure kuri kago puredu jodure kare emagare duji, dukejere ia imedu ure tugerau ia karoji ure nowu nogedu rogu jodudo ji, akore: awu karo ure ainono aêe bakeru magadure. Çeture nonowu ime enogarire nogedu rogu ji, iage egore nono nowu tumedua akomagadure, ainono nowu karo uie uêe bakeru magadure. Nowu nogedu rogu jodu pemega kare ewadaru keadure pudui nowu inodu taboduji, ure tugirimi toro bato, ure nowu karo reko pudabo (nuba çewu akurara rogu jire nowu ime egoíno rogu aia godure tuje, dukori egoíno uie nono uêe bakeru magaduie).

Nogedu rogu uture bato kodure ji toro tuwai ka, tuwo mugureu ka. Uwo ukimore tudugo pemegado, aregodore

toro uture tuwo ae, ure jodudo nowu karoji akurara, akore: nowu ime mugure torouge egore awu karo puredue muga bakeruji. Uwo boekorire ji tumeduie tonaregedu uradodae jitu keje.

Meriri Poro pagare ime erugadu boe ewo tugirimi tuwogu piji du bogai, erugadu boere tugirimi dukeje, uture toro ere kago towujeu kae. Aregodure toro edureu ka, aiwore poboto jodore aroe ei, ere pobe aroe itobore aroe jakomea. Itogodure ei pobedaji, itojedure ei dukeje pobo kodo dure. Dukejere rekodure toro bato, uture tuwai ka akore: aeto ai, ariwado akabo aregodo, ainore akore torej jeji, ukare bie kodiba tagoino ji. Dukeje nowu pobo aregodore bato, ure boedakedodo. Meriri Poro rekodure, pobo ure boe eda rugadu boe akedudo, erugadu boe ewogare. Ema rekodure rugadu dukeje jodore ia tori ji, rekodure toro nowu tori ao ka. Mugure toro tori ao geje, taiwo tabo poboji puredugodure pudui du ka. Dukejere meadare tuwo jorugo, ure tugeragu tori dogei pobe ure erego pui ture urugo du ka. Ure jorugo aiwore toro moto kae: dukejere ure tugeragu nowu joruto. Ure tugeragu tori urureu ji ure barigu poboto, dukeje nowu pobo ure turawuje gu gu je, ure nowu tori ureu barigu poboto akeduwo, nowu inodu tabo pobo akedure rugadu.

Meri Poro jodore, pobo akedure duji, ure turawuje toro moto kae tuioduwo nuba boere. Jodore pobo kurireu ure boe eda kedodo duji, jodore ture mito tuje duji. Aiwore čeboje, aiwore tuibagi akore ire iwoboe erugadu boe eda kedodo, rakojere nono tuginai godu. Dukejere meadure iaboe ewure akoji, iaboe merure boe kao duji, i parugajeje, uture toro tuioduwo kaboba roino, jodukare boeji. Nowu uredu bure ako mugure aino toro pugeje, uture toro pugeje, dukejere jodore ji pobogo rabodu, dukeje Meriri Poro unarare ji igiduba nure aki; nowu barogo mako godure pobogo nure imi, imire ire mitotu je, imire iere tuje nowu pobo kurireu akedu keje. Dukejere emagore pui, erebarire pui.

Toro ia meri keje pobogo kuiarure Meriri Poro onaregedu apo, mare nowu kuiarure boe tojiu keje, kuributure ia barogo apo rugadu ure nono tuje magadure. Ere turokagado pugeje kuiarure pugeje, kuri buture dukeje ure boiadada barogo aora jagai ure nono boe emagadure, ere turokagado pugeje kuiarure pugeje kuributure ukare nono barogo magadure, ure boe eroere nono tuwo magadure. Dukodire nowu kuiaru rekodaji boe etaregodure. Dukejere Meriri Poro ure boe eda towuje pugeje, ure boe ewai rogu boe mugu pemegado tumuga boe ji, ure boe edu pemegado tumuga boeji, akore akire amugu akire amugo mode woe, ainore rore tuwo boe eidodudo pugeje, tuwo boe etarego pugeje bakaru jire boe egoi, boe emago paga paga karegure. Ainore ure pagaregodure Meriri poro jerebarire pobogo jitu piji emagere ere parugadu boe padowuje, nowu pobo kurireure boe eda kedodo reko daji, dukodire boe kigodu kare pobogo bito, pijire pagaregodure kodi.

Ainore boe eimejera Joaquim Batista Burudui akore, awu bakaru ikuia pa keje nowu imedu roino, Kujibo po keje. Nowu pobo toie ere kago towuje. Meriri Poro rutuie ao kao tori mugue Santo Antonio do Leverger Keje, boe egore torowari ri aino ji, nonore boe emeru kigodore kodi, boe ekoda reno, nono boe eda kurireu mugure. Dukodire boe eno bakaru mugure woe Mato Grosso keje, woe Ikua pa keje boe eno moto reno. Ča nowu inodure ime ewogure kuro tabo dukeje, nowu pobo kurireu ure boe eda kedodo ime ewadaru keadure nogedu rogu jitu kodi.

Nowu pobo kurireu ure boe eda kedodo rekoda ji, Meriri Poro ure boe edo tumugaji pugeje, jerebarire pobo ji du rekodaji. Ainore bakarure boe etaregodure pijiboe dure, bakaru nure ema (KOGEBOU, 2025, p.17,18).

Jamedu ukare mito tuje, awu bakaru, iage eduwa mode ia tuginoiwuji, mare pega kare ainore ure rugadu, bakaru awu Boe Bororo doge etaregodure pijiboe maka guraga. Dukodire awu padure awu bapera kejeu, čenure čegeragu ji awu bapera epa Benilton o bapera piji.

Jamedu nowu uradodure jiboe, uradodure nuba pobo kurireu rore, Meriri Poro goiare ure nowu pobo kurireu udo ainono, ime ewoderae kedure onaregedu ji kodi. Nowu pobo uduru rakare kodi, pobo tada aroe edure, pobo pijire aroe etaregodure, dukodire boe ewadu kare nowu inoduji, Boe Bororo doge eno bakaru maka guragare, Meriri Poro emare mugure mito tuje, nowu pobo kurire akedure dukeje, dukodire ure tuemaedo nuba turo mode, mare joduware rugadu, ure jorugo tori tabo, tuwo nowu pobo kurireu akedudo, ainore mariguduege ero kigodore rugadu.

Awu Boe Bororo doge etaregodure piji boe, nuba ere nowu tuieda keje, toro batada, boe emugu paga paga karegeure, tumuga kejere boe edure, nuba nowu imedu rore tuwo boe etarego pugeje, jerebarire pobogo jitu rekodaji, dukodire boe etaregodure barege epiji. Nowu boe emugu pemegare tumuga jitu, marigudure ure aino, dukodire boe ero kimore ainono, boe ekare nowu inodu akedudo, dukodire boe emugu pemegare tumugaji.

Awu boe eno moto jiu bakaru, egore toro Kuji po kejeie nowu inodure, toro nowu tori Santo Antônio do Leverger keje, nonore nowu inoduie, egore turadodu tabo nowu boe eda Mato Grosso Keje. Emagore jiboe kuriçigo, nowu bakaru kaboba piji ba boe etaregodure, awu bapera keje nowu inodu padure, boewo ia tumedage eduwado ji, eradoduwo ji, akedu kawo, boe ekawo akedudo dukodire ere atugodo awu bapera keje.

A respeito da narrativa, ela conta a história de uma inundação catastrófica provocada por Meriri Poro em reação à provocação feita aos homens e ao seu filho. A água representa forças naturais e espirituais conectando a narrativa à cosmovisão dos Boe Bororo, em que humanos, espíritos e o ambiente natural estão interligados. Meriri Poro atua como mediador entre o mundo espiritual e humano, utilizando fogo e pedras para controlar a inundação, um ato de conhecimento e poder tradicional.

Sobre a origem do povo Boe Bororo e a organização social e a repovoação da aldeia por meio da relação com o veado Pobogo, pode-se dizer que simboliza a ancestralidade e o vínculo com os animais, reconhecendo-os como ancestrais e protetores do povo. A divisão em casas e clãs reafirma a organização social e a perpetuação das tradições culturais, vinculando genealogia, território e clã.

Sobre o território, o mito se situa em locais como: Rio Coxipó (Kujibo po) e Morro de Santo Antônio do Leverger, associando narrativas míticas à geografia contexto do Mato Grosso. A oralidade expressa por meio das narrativas ancestrais reforça a memória histórica, territorialidade e ancestralidade do povo Boe Bororo, cumprindo assim sua principal função: transmitir ensinamentos sobre cultura, respeito, cuidado com o outro, equilíbrio ambiental, usando elementos do cotidiano para educar.

E, sobretudo, as narrativas ancestrais preservam os conhecimentos tradicionais, como o uso do timbó e do kago, práticas de pesca que carregam saberes socioculturais, reafirmando assim que as narrativas ancestrais fazem parte do patrimônio cultural Boe Bororo e por meio delas se

explicam fenômenos e justificam ritos como o de nascimento, o da escolha do nome, e o da morte, dentre tantos outros.

Por sua vez as origens históricas dos Boe Bororo, segundo os relatos orais e registros de Bordignon (1986) e Pereira (2025), estão ligadas ao território onde hoje se encontra o estado de Goiás, de lá migraram passando por Mato Grosso do Sul (Campo Grande e Corumbá) e por Cáceres (MT), até chegar a Ikuia pa, “lugar de pescaria com flechada”, atualmente conhecido como Cuiabá.

Essa região era abundante em alimentos, tornando-se central para o povo. O território tradicional Boe Bororo se estendia até a Bolívia, o centro-sul de Goiás, o norte do Xingu e o rio Miranda, configurando uma ampla ocupação territorial. O termo Boe significa “gente verdadeira”, enquanto Bororo refere-se ao pátio da aldeia, espaço circular central onde se realizam rituais e onde se organiza a vida comunitária. Bordignon (1986) explica que “Bororo” foi um nome dado pelos brancos a partir da escuta dos cantos indígenas, embora outros nomes tenham sido usados pela historiografia, como Coxiponé, Araes, Ikuiapa, Coroados e Aravirá.

Ainda hoje, denominações vinculadas à ocupação territorial permanecem: Tori Tadauge (habitantes da pedra – TI Meruri), Itura Tadauge (habitantes da floresta – TI Tadarimana), Jarudo Ri (habitantes do peixe mandi – TI Jarudore), Boku Tadauge (habitantes do cerrado – TI Tereza Cristina) e Tugo Kuri doge (os das flechas longas – TI Perigara). Juntas, formam o Orari Mogo doge, ou seja, “todos os Boe Bororo juntos” (BORDIGNON, 1986).

Jamedu nowu boe eradodae boe, marigudu boeji, boe ewiagodu kawo piji, metuwo boe etaora tada, nuba boe erore kuro ji, kago ji, mariguduege ekigodu nowu inodu towuje tuwo tugeragu karei, boe ero kurireu reno, dukodire egore boe ekaigu akedudo, boe eigu nowu inodu towuje pugeje awu riçodure maigiduege eduwo ji, eduwo nuba boe erore marigudu tuwogu tabo, nuba erore tuwoguwo kuro tabo, nuba erore tuwo kago towuje, ainore boe erore marigudu kodi.

Ainore ure jamedu awu bakaru Boe Bororo doge etaregodure piji boere, ainore egore boe eradodure jiture Bordignon (1986) e Pereira (2025) nowu etaregodure mato Goiás piji, mariguduboe emeru kigodore ekodore Mato Grosso do Sul (Campo Grande) ekodore Cáceres (MT), ekodore ji mato, taregodure woe Ikuiapa pa, nonore boe edure, boe eda reno, dujire barae egore Cuiabá.

Nowu moto marigudu boe eke kuriçigore keje, jamedu nonore boere tudo pui, boe eda kurireu nure nono. Boe eno moto marigudu okwa kodure toro Bolivia keje, Centro-Sul de Góias, Norte do Xingu e o rio Miranda, dukodire nonore boe ekoda rogu boere, dukodire egore boe eno moto reno. Ainore ure jamedu egore Boe aino paru gadu boeji, boe remaege aino pai, Bororo egore barae egoíno pai, mare tumedai tabore egoíno. Bordgnon (1986) akore Bororo barae egoíno boe, tumeadure boe egoí tura tabodupi, jamedu ere boe ekiedo aino Coxiponé, Araes, Ikuiapa, Coroados e Aravirá.

Aino jamedu boe ekiere to moto ie tabo, ainore ure: Tori Tadauge (Mugure tori tadauge eire egoíno - TI Meruri), Itura Tadauge (Mugure itura tadauge eire egoíno - TI Tadarimana), Jarudo Ri (Mugure toro jarudo ri kejeuge TI Jarudore), Boku Tadauge (Mugure Boku tadauge - TI Tereza Cristina), Tugo Kuri doge (Nowu torouge etugo Kurire dukodire egoíno ei - TI Perigara, Jamedu boe erugadu boe egore Orari Mogo Doge aino (BORDGNON, 1986).

Ainore boe eno motore ikera aubodore, ainore ure woe Mato Grosso Keje: Perigara (Barão de Melgaço), Tereza Cristina (Santo Antônio do Leverger) Tadarimana (Rondonópolis), Jarudore (Poxoréu) e Merure (General Carneiro) Ainore boe eno moture, woere boe edure, woere boe ekigodore turo rogu boe tawuje.

Boe emago Kimore tuwadaru tabo, nowu kurireugere emago kigodore pui tuwadaru tabo, Bordgnon (1992, 1997) akore tuiodudie, tuwia pagaeie, boe etore emagoie boe ewadaru tabo, barae ewadaru tabo, eie okodo pugao, nowu inoduie ainono emedu kigodudie barae emago ji kodi, mare boe ekaie tugera rawuje turo piji, tuwadaru piji.

Atualmente, o povo vive em cinco Terras Indígenas demarcadas em Mato Grosso: Perigara (Barão de Melgaço), Tereza Cristina (Santo Antônio do Leverger), Tadarimana (Rondonópolis), Jarudore (Poxoréu) e Meruri (General Carneiro). Apesar de séculos de violência, doenças e expropriação territorial, os Boe Bororo resistem, preservando sua língua, cultura e rituais, como o Boe Eiedodu (ritual da nomeação) e o Boe Emaragodu Godu (funeral Bororo), considerado um dos mais significativos da etnologia indígena.

A língua materna é falada, especialmente entre adultos, porém Bordignon (1992, 1997) observa que as crianças já misturam o Boe com o português, evidenciando os desafios contemporâneos para a manutenção da língua. Ainda assim, os Boe Bororo reafirmam-se como um povo guerreiro, guardião de sua memória, espiritualidade e território, resistindo firmes às pressões históricas e coloniais.

Nesse movimento, o Rio Vermelho aparece como um dos marcos de fixação e circulação dos grupos Boe Bororo orientais nessa região. O Rio Vermelho, além de ser fonte de água, pesca e alimentos, representa também um eixo sagrado, pois na cosmovisão Boe Bororo todo espaço natural é carregado de espiritualidade. O rio não é apenas recurso, mas também caminho ritual e espaço de conexão com os ancestrais assim como afirma um de seus mitos de origem transcrito acima. É à beira de rios como o Vermelho que se desenrolaram caçadas, rituais, funerais e encontros entre as aldeias.

A ocupação Boe Bororo da região de Rondonópolis e do Rio Vermelho mostra como esse povo construiu relações

Jamedu ainore egore pobo jie boe etaregodure boe emeruie tuge rogu bagai, tumode towuje boe bogai, Boe Bororo doge ekoda reno, Jamedu nowu meri keje boe eke kuriçigoie pobo tada, dukodire boe ewogu kigodore tuge bogai, nowu pobo piji jamedu aroe etaregodu kigodore, tukodire boe eda jamedu boe mugu pureture pobo okwai, boe emara godu godure dukeje aroe ewogu kigodore nowu poboto, dukodire matore aroe etaregodu kigodore, ainore ure.

Jamedu aino maigodu, boe eno moto biagare, mare boe eda padu pureture, pobojo, nowu pobo tore boe ewogu kigodore kodi, marigudu boe kigodore taimo to, jamedu nowu pobo pijire aroe etaregodu kigodore, tukodire boe etaidu kigodore tumugu pureduwo pobo okwai, boe ero rogu boere pobo piji kodi.

Jamedu pobo mokare dukeje nuba boe ero mode, tuge bogai, nuba boe ero mode tuwo nowu boe ero rogu boe tawuje, nowu pobo otoire boe edure, dukodire boe eture ji, boe etaidu kare ekadewo, po bituwo. Jamedu nowu boe eda aiare paji je, boe edu pemegare tumuga boeji, boe edu paga paga karegure, tuwai muga kejere boe edure, bai managejeu mugure boe etoidada, dujire boe eimejera Benedito da TI Tereza Cristina, akore ime ewai, jamedu boe eimejera Cicero Kudoropa Tadarimana tadau, akore ainono jamedu.

territoriais a partir de seus próprios marcos simbólicos, e não apenas geográficos. Os rios, os cerrados, florestas e pedras nomeavam clãs e subdivisões internas já mencionados acima. Assim, o Rio Vermelho passa a ser mais que um limite físico: ele se torna parte da própria cartografia sagrada do povo Boe Bororo.

Atualmente, mesmo diante da redução drástica de seus territórios, o Rio Vermelho permanece na vida cotidiana e memória Boe Bororo como parte de sua história de resistência, reafirmando que a vida, a cultura e os rituais não podem ser separados da terra e da água que os sustentam. Assim se explica também a presença forte dos rios/água e animais do cerrado nas narrativas ancestrais, a exemplo do veado citado no mito de origem e repovoamento.

Além disso, a água, na perspectiva tradicional, é responsável por gerar e manter a vida, assim como para interrompê-la, seja em forma de enchentes ou outra catástrofe natural. Assim, não há divisões: o indígena é a natureza e a natureza é o indígena. A tradicional disposição circular das casas também faz alusão aos ciclos e circularidade, pois elas fazem do pátio o centro da aldeia e dele o espaço ritual, lugar onde se constroem a Casa das rezas ou Casa da Cultura, como afirmou o cacique Benedito da TI Korogedo, ou a casa dos Homens como citou cacique Cicero Kudoro da aldeia Tadarimana.

As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Boe Bororo com os não indígenas remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em meados do século XVIII, o contato dos Boe Bororo intensificou-se com a chegada das Bandeiras Paulistas e, sobretudo, com a descoberta do ouro na região de Cuiabá.

A exploração aurífera provocou a cisão do grupo em dois segmentos: os Boe Bororo Ocidentais, também chamados "Boe



Vista parcial da Casa da cultura ou das rezas, da Ti Korogedo.  
Fonte: acervo pessoal cacique Benedito, 2025

Bororo da Campanha” ou “Bororo Cabaçais”, e os Boe Bororo Orientais. Os Boe Bororo Ocidentais sofreram de forma mais direta os impactos da colonização, principalmente em áreas próximas a Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade, chegando a ser considerados quase extintos em meados do século XX.

A obra *Os Bororo na história do Centro-Oeste brasileiro (1716-1987)*, de Mário Bordignon Enaureu, constitui uma referência essencial para compreender a trajetória desse povo no Centro-Oeste, registrando sua relação com o território, o contato com colonizadores, as alianças interétnicas e as formas de resistência cultural, presentes nas escolas indígenas conquistadas com muita luta. O livro também destaca a luta pela preservação da identidade Boe Bororo, a defesa de seus rituais e o enfrentamento das pressões impostas pela redução territorial e pela colonização.

Ainore egore turadodu tabo, egore ainore ure Boe Bororo doge edure barae, barae etaregodure woe, egore século XVII, egore aino ei bandeiras Jesuitas, emageie eroino tumeru tabo, Belém pijie etaregodure, pobo jie emerure dukodire ekodure aino toro Bacia do rio Araguaia jagoai, ekodure ji toro rio Taquari e São Lourenço ekodure ji toro, etaregodure toro rio Paraguai jagoai jamedu. Toro século XVII, Boe Bororo doge edure barae, barae etaregodure eda kae, egore Bandeiras Paulista dogeie etaregodure boe etae, emaru nure tori motureu bogai du tabo etaregodure Cuibá to, nonore edure boe.

Nonore barae emarure nowu tori motureu bogai, du tabore ere boe ekado puiado, ainore ere: Boe Bororo ocidentais doge, jamedu egore ei Boe Bororo da Campanha ou Bororo Cabaçais, nowu Boe Bororo ocidentais doge eire barae edure boe toji dukodire eire barae erugodure boe toji, barae etaregodure turo pegareu boe tabo etai, nono nowu Cáceres e Vila da Santíssima Trindade keje, nonore ere boe tagedudo, toro século XX keje.

A obra *Os Bororo na história do Centro-Oeste brasileiro (1716 - 1987)*, de Mário Bordignon Enaureu, ure bapera atugodo, turadodu tabo nuba beoere woe marigudu, kaiba boe emerure woe Centro-Oeste keje, ure bapera atugodo jamedu nuba boere woe to moto keje, nuba barae erore boe, tuiodore boe du tabo, jamedu nuba bapera aregodure boe eta tuwo boe eduwado. Nowu ure towu bapera keje padure jamedu nuba boe ero kigodure, boe ewiagodu kawo turo kurireu piji, dukodire ure nowu bapera atugodo boe edubo ji.

A referida obra aponta que a nação Boe Bororo se dividia em vários grupos, conforme a região ocupada:

Nowu ure towu bapera keje, boe edu mode Boe Bororo doge, ere tugado puiado, ere tumado pubiji, awu tuieda rogu boeji:

- 1 - Itura-mogorege - os da floresta
- 2 - Tori okwa-mogorege - os da serra do São Jerônimo
- 3 - Túgo Kuri-Dóge - os da flecha comprida
- 4 - Orári Mogo-Dóge - os dos rios do Peixe Pintado
- 5 - Boku-mogorege - os do cerrado

Segundo Zago (2005) *apud* Pereira (2025), os Bororo atualmente estão redefinindo essas nomenclaturas:

Segundo Zago (2005) *apud* Pereira (2025), akore ainore Bororo dogere:

- 1 - Pobotadawuge; os Bororo das águas (Pantanal)
- 2 - Ituratadawuge: os Bororo da mata e rio São Lourenço (baixada cuiabana)
- 3 - Bokutadawuge ou Toritadawuge: Bororo do cerrado e morro (Poxoréu até o rio das Mortes)



Banner representando a organização de aldeia Boe Bororo, da Escola TI Tadarimana. Foto: Fundação Aroeira 2025.

Na aldeia Boe Bororo as casas seguem a tradição além da circularidade. Elas são construídas com palha de indaiá ou babaçu e em pau a pique. O broto do babaçu tem múltiplas utilidades para os Boe Bororo: serve para erguer as paredes e para confeccionar esteiras. As esteiras ocupam um lugar central no cotidiano e nos rituais: é nelas que o **Boe eimejera** (chefe de cultura) se senta para cantar, é nela que se colocam os enfeites da criança durante o **Boe Eiedodu** (ritual de nomeação), e é nela que muitos dormem, sobretudo os mais velhos, que a preferem às redes ou camas (PEREIRA, 2025).

Ainda segundo Pereira (2025), a aldeia Korogedo está dividida em dois grandes clãs: os **Ecerae**, ao norte, e os **Tugarege**, ao sul. Cada clã se organiza em quatro subclãs, e cada um possui sua própria casa, espaço definido e funções específicas nas cerimônias. No centro da aldeia está o **baito**, a casa de cultura, lugar de encontro e de vivência coletiva, onde são realizados os cantos, danças e rituais. O baito é o coração da comunidade e sustenta a identidade cultural.

Ainore ure Boe Bororo doge eda keje, ewai mugu paga paga karegure, tumuga kejere edure ere tuwai mugudo toro bororo okwai, ere towuje bai rogu tabo, ipo tabo. Nowu kodoro tabo ere kodo kora towuje tuwo tuwai paru miwuje, ere kodo towuje tumugaçê. Kodo kejere boe emugure turawo, kodo kejere boe eimejera mugure turawo, kodo kejere boe etore enoroe mugure eiedodure dukeje, jamedu boe epa nure ema, kejere iage enudu kigodore (PEREIRA, 2025).

Ainore ure jamedu Pereira (2025), boe eda Korogedo Paru, nowu boe eda kadodore puibiji: Ecerae emugure norte jagoai, Tugarege emugure sul jagoai, dukodire ewai mugu paga paga karegure tumuga boe kejere ewai mugure, nono bororo kejere boe era kigodore. Bai oidadare, baito mugure, nowu baito tadare boe era kigodore, nowu tadara boe kigodore turo kurireu towuje.

A disposição circular da aldeia não é apenas um modo de organização espacial, mas expressa a cosmologia do grupo. Nela se articulam dimensões físicas, sociais e espirituais, revelando a complexidade da forma de viver e compreender o mundo dos grupos Boe Bororo.

Os clãs possuem **organização em metades exogâmicas**<sup>1</sup> ou seja os Boe Bororo dividem-se em duas metades maiores, chamadas *metades exogâmicas* (ou “grandes clãs”): **Ecerae** (os “fracos”), ao norte, e **Tugarege** (os “fortes”), ao sul. A metade exogâmica significa que as pessoas se casam com membros da metade oposta (ou seja, casamentos entre Ecerae e Tugarege), de modo a assegurar relações de parentesco socialmente reguladas.

Dukodire ainore boe ero kigodore tuieda keje, bai doge etai nure paçî je, ainore mariguduege ero kigodore, dukodire eriwa turagoduwo, turewo, tuwo tote eiedo, boe emugu paga paga karegure, tumuga kejere boe ewai mugure, toro bororo keje, ainore boe ero kigodore tumaga keje.

Ainore ure boe eda keje, tuwoboe emuga keje boe ewai mugure, dukodire boe eda kadodore puibiji, ure pobe, boe emagare rugadu kodi. Ainore ure: Eêcare uduru bokareuge nure emage, emugure norte jagoai, Tugarege uduru reuge nure emage ,emugure sul jagoai. Dukodire emugu kigodore aino torouge ebo, ainore erore Tugarege emugure Eêcare ebo, etuwire, etugoge nure emage kodi, boe emugu kigodu kare tuwoboe puwabo, nowu inodu mokare turagado kodi, etuwoboe nure pugi.

<sup>1</sup> Metades exogâmicas são divisões sociais de um povo em **duas grandes metades** (ou grupos), que regulam principalmente o casamento. **Exogamia** significa “casar-se fora do próprio grupo”. Então, quem pertence a uma metade só pode casar-se com alguém da metade oposta.

## SUBDIVISÕES: CLÃS E SUBCLÃS

Cada uma dessas duas metades se subdivide em quatro clãs. Cada clã pode, ainda, ter subclãs. Cada clã/subclã possui seus próprios direitos, deveres e espaço definido dentro da aldeia. Exemplo: Em cerimônias, em enfeites, em locais específicos, no uso de canções ou pinturas próprias.

Ainore ure, kadodore puibiji, nowuge ere ikerere pobe puibiji. Dukodire emugu paga paga karegure, emugure tumuga keje, tuwoboe emuga keje, emage eduware nuba toroere, nuba tuijerare, boe ero paga paga karegure, boe ekare tugeragu tumedage eroji, ejeraji, dukodire boe ewaire boro okwai, boe emugu paga paga kawo.

## FUNÇÕES CERIMONIAIS, SOCIAIS E SIMBÓLICAS

Os clãs não são apenas divisões sociais ou corporativas: eles têm papel em rituais de nomeação, pintura corporal, enfeites, cantos, cerimônias funerárias, entre outros. Cada clã tem seus símbolos como pinturas, adornos, cantos, que só seus membros ou pessoas com permissão específica podem usar.

Ainore ure nowu boe etuwoboe, emaragodaere jamedu, ia meri keje emode ia boe ero towuje, emaragodae padure pumekeje, erugadu boe emaragodaere, nono tumuga boeji. Boe enoroe paga paga karegure, boe ekie, boe ejera, boe ekigodu kare tugeragu tumedage ejera ji, boere eduware toroe ji, tuijeraji, ainore boe erore.

## **BOE ETUJE UWOBÖE**

Ainore ure boe etore, etaregodure tuje piji dukodire uwoboe nure ema, aredu orere nowu ore emugu mode emuga keje, dukodire uwoboe nure emage, aredure ie padure tore ewugeje, ainore boe erore, boe ekie paga karegure, tuje ie tabore boe ekiere.

## **CLÃ MATERNO E DESCENDÊNCIA**

A filiação clânica é definida pela mãe; ou seja, os filhos pertencem ao clã da mãe. Isso aparece em suas descrições de que a mulher transmite o nome de clã, e os filhos “são do clã materno”.

## **MANUTENÇÃO DA COSMOLOGIA E DA IDENTIDADE**

A estrutura clânica ajuda a manter as relações cosmológicas, os laços com os ancestrais, a divisão simbólica do espaço (onde cada clã tem seus deveres e lugares na aldeia), e reforça a identidade coletiva dos Boe Bororo. Ela está integrada com a organização da aldeia, a divisão dos espaços físicos, dos papéis nos rituais etc. Durante as pesquisas e em diálogos com os caciques da TI Tadarimana e Korogedo (Tereza Cristina) os clãs foram apontados como responsáveis pela manutenção sociocultural dos Boe Bororo.

Nas falas do Caciques os clãs são responsáveis, pela:

Nowu boe edu pemegare tumuga boe keje toro bata, nowu inodu tabore boe eduwa mode kaiba tuwoboe ewai mugure, dukodire egore boe edure tumuga keje, boe emaragodae rogu boere, awu maigoduwe karega eroino, mariguduwu gere eroino ere boe ewai mugu pemegado bororo okwaji, dukodire awu maiwuge ekare tugera rawuje, nowu boe eroia piji, boe nure emage kodire eroino, jamedu nowu inodu koiare ukare boe ewiago turo rogu boe piji. Awu bapera towojedure dukeje ure towu unarare boe emijera TI Tadarimana keje, unarare boe emejera Korogedo Paru kejeu ji egore ainono rugaduie uie, ainono rugaduie mariguduege ero kigodore, dukodire boe ero akedu kare, boe eda rugadu boeji, ainore ukigodore, bai doge emugu pemega nure tumugaji.

**1. Transmissão da identidade.** O clã é herdado pela linhagem materna, definindo a identidade social de cada pessoa desde o nascimento. Essa filiação garante que os saberes, nomes, símbolos e funções sejam transmitidos de geração em geração.

**2. Organização da vida ritual.** Cada clã tem **papéis específicos** nos rituais (nominação, funeral, iniciação, cantos, pinturas). Esses papéis não são intercambiáveis: pertencem ao clã e reforçam a continuidade dos rituais tradicionais.

**3. Espaço e cosmologia.** O lugar de cada clã na aldeia é marcado no círculo (norte/sul; Ecerae/Tugarege). Isso reflete a cosmologia Boe, que une espaço físico, espiritualidade e organização social.

**4. Regulação das alianças sociais.** Os clãs organizados em metades exogâmicas regulam os casamentos: só se pode casar fora do próprio clã/metade. Isso fortalece as redes de parentesco e evita a dissolução do tecido social.

**5. Preservação de saberes e símbolos.** Cada clã detém **cantos, pinturas, adornos e conhecimentos próprios**, que são preservados e recriados nas cerimônias. Essa diversidade interna garante a vitalidade da cultura Boe ao longo do tempo.

**6. Resistência cultural.** Mesmo diante da colonização, da perda de território e da violência histórica, a organização clânica possibilitou que os Boe Bororo mantivessem práticas fundamentais (como o seu funeral), preservando sua identidade coletiva. Sendo assim, na cosmo percepção das lideranças dos Boe Bororo que vivem nas TI Korogedo e Tadarimana a organização sociocultural vivenciada por meio das divisões em clãs e subclãs são seu maior patrimônio cultural, pois preservam suas narrativas ancestrais, fortalecem a vida na coletividade, proporcionam a manutenção e permanência de seus rituais e mediante eles consolidam/reforçam a presença dos Boe Bororo ao longo dos tempos, sendo eles os clãs o fio ancestral que conecta os Boe bororo de hoje aos seus ancestrais em tempos imemoriais.

**1. Transmissão da identidade.** Nowu boe etuwoboe, tuje rekodajire boe ekodure, muga kare boe etaregodure, dukodire tuje uwoboere emawugere boe etuwobere emage. Dugodire, tuje oroe, jejera padure keje, iere padure keje, nowu inodu tabore boe emaga godure, jamedu boe kigodu kare tugeragu tumedage enoroe ji, toroere boe kigodu bu tuwugeje, ainore ure.

**2. Organização da vida ritual.** Ainore egore boe emaragodae, boe emarogadae padui tuwugeje, boe erare, boe ejerare, boe ekiedodore, dukodire nowu inodu goiare boe eduware toroeji.

**3. Espaço Cosmologia.** Boe emuga boe, ure turugadu toro bata, boe ewai mugu paga paga karegure, ainore ure (norte/sul: Ecérae/Tugarege). Nowu inodu jire egoíno Boe ero kurireu, dukodire boe ematore aroe jamedu, aroe etaregodu kigodue boe emaragodu godu kae duji, ainore ure boe eda keje.

**4. Regulação das alianças sociais.** Ainore boe ero, boe ekadodore puiado, dukodire emugu kigodu kare tuwoboe ebo, emugure aino torouge ebo, ewire, ekoge nure emage kodi.

**5. Preservação de Saberes e símbolos.** Ainore ure boe erare, boe ejerare, boe enoroere, boere eduware toroeji, boe karegure toroe tugu pudui paga tuje, ia roaire, ia boe ererure dukeje boere, tiejerado, toroe bu tuwugeje. Dukodire nowu inodu otoire boe epadure, boere pu joduwado akeduwo kawo.

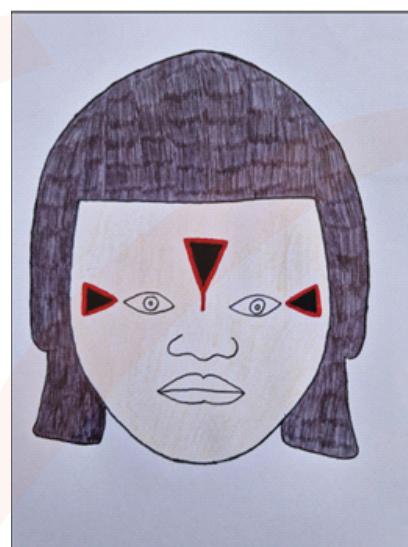
**6. Resistência Cultural.** Ainore boe ero, barae etaregodure boe etae, etaidure tuwo boe ero akedudo, mare eduru kare boe, dukodire ekare boe ero akedudo, boere tudurudo turo akedu kawo, ere tudurudo boe emaragodu godu akedu kao, dukodire boe emarago godu akedure kare, boe eda rugadu boeji boe ero kimore. Dukodire boe eimejerage Korogedo Paru, Tadarimana taduege egore boe ero jetu kimoie, boe ero akedu kaie raga, boe emugu kimoie ba tada, boe ewai muguie tumuga rogu boe keje, dukodire ia roiare dukeje boe ekoduire kuri tuwoboe emuga ka.

Diante a importância dos clãs apontada pelas lideranças Boe Bororo de Korogedo e Tadarimana, seguiremos com a compilação de algumas informações a mais sobre os ritos e símbolos dos clãs presentes em Korogedo e Tadarimana.

A aldeia Korogedo se divide em dois clãs Ecerae ao norte e os Tugarege ao sul.



Pintura facial clã Ecerae.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.

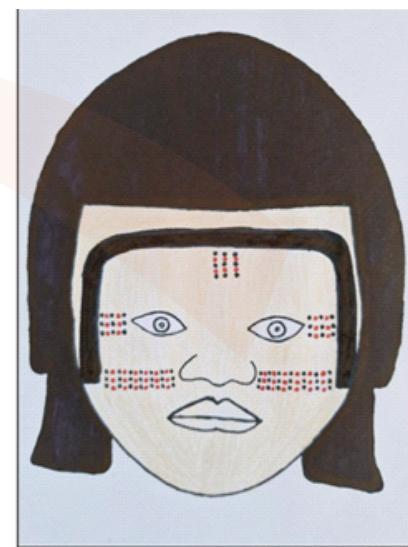


Pintura facial do subclã Kie  
clã Ecerae.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.

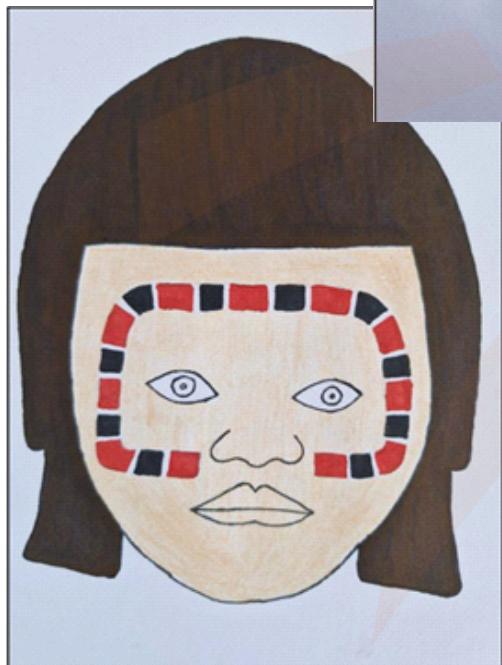
Dukodire egore, boe etuiagu nowu turo rogu boeji akedu kawo, awu riçodure maigoduge eduwawo ji, dukodire Boe Eimejerage Korogedo Paru, Tadarimana taduge egore ainono rugadu boe ero akedu kawo, dukodire ia boe ejera padure awu bapera keje, egore boe eduwa mokare dukeje, boe etaiwo iagu awu bapera ji.



Pintura facial do subclã  
Badojeba.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.



Pintura facial do subclã  
Bokodori.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.



Pintura facial subclã Aroroe.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.

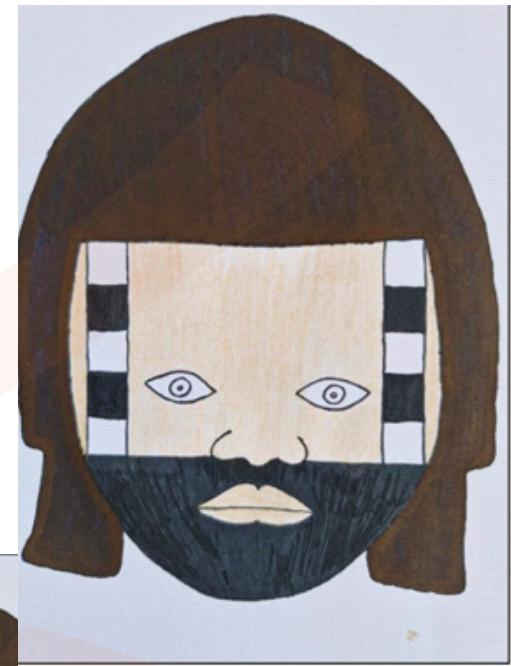


Pintura facial subclã  
Paiwoe.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.

Pintura facial clã Tugarege.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.



Pintura facial subclã  
Apiborege.  
Fonte: Pereira, 2025 ,p. 14.



Na perspectiva antropológica, a pintura corporal constitui uma das expressões mais significativas do patrimônio cultural dos povos indígenas. Mais do que uma manifestação estética, ela carrega um sistema de conhecimento, pertencimento e espiritualidade, que traduz a maneira como cada povo comprehende sua relação com o mundo, com os ancestrais e com os demais seres da natureza.

Entre os Boe Bororo, povo de profunda cosmovisão simbólica, a pintura corporal é uma linguagem visual que expressa identidades clânicas, papéis sociais e princípios espirituais que estruturam a vida coletiva. Para o povo Boe Bororo, a pintura facial e corporal está diretamente associada ao pertencimento clânico e à ordem cosmológica. Assim, pintar o corpo é reafirmar a genealogia ancestral e, ao mesmo tempo, o vínculo com o território e com os espíritos que habitam o cosmos.

A pintura, nesse sentido, funciona como uma marca de memória viva; ela inscreve no corpo as narrativas que o tempo não apaga, e transforma a pele em superfície sagrada de comunicação entre mundos. Segundo Bordignon (2019), o corpo pintado entre os Boe Bororo é também um instrumento de socialização e diferenciação simbólica.

Os grafismos não são utilizados de modo aleatório há distinções claras entre pinturas de uso cotidiano e aquelas reservadas para rituais. Cada traço, cor ou combinação de pigmentos carrega uma intenção ritual e socialmente regulada. O uso de tintas como o urucum, o jenipapo e o carvão revelam também um saber tradicional transmitido entre gerações, no qual o conhecimento das

Nowu barae antropólogo doge egai boe ejera moture rugadu, pemegare rugadu, dukodire egore boe eno patrimônio cultural uiure ema. Boe ekaegure padu pagado tuie keje, boe erare dukeje, boe ererure dukejere boere bu tui keje, dukodire egore otojiboe, ia barae eduwa mokai ego moduie moture rugadu, tanure bu taekejedu paga nure, dukejere boe emoduie ewie, jamedu padu moduie awu bapera keje etaiwo ji, eduwawo duba boe erore.

Aino awu Boe Bororo doge, joduwareuge eduware toroeji, tuiejeraji, tura ji, boe erro paga paga karegure, boe etaiwo tabo pu jejera ji, boe eduwa mode kaboba nure ema, igiduba uwoboere emage, dukodire joduwareuge ere, pu joduwado tujera ji, ekawo pu jejera bu tuie keje.

Nowu boe ejera, boere bu tuie keje turewo tabo, egore mariguduege ekigoduie bu tuie keje, tumeruwo tabo, tugiraduwo tabo, dukeje joduwareuge etaiwore ji ere boe pa kaboba jejerare ema.

Dukodire mariguduege egore, boe ejera towujedueie, boe etuwoboe enoroe tabo, nowu boe ejera ia pureduie karo bure ji, barogo bureji, oto ji, kiege ewure ji, iadukeje marido jokuji, boe ejera kaie pureure. Ainore akore Bordgnon (2019) boere tuwiri kujagudo boe tuijeredo, nowu inodu tabo boe eduwa moduie kaboba uwoboere ema.

plantas e das técnicas de aplicação está integrado à própria pedagogia comunitária Boe Bororo.

Dessa forma, a pintura corporal configura-se como um patrimônio imaterial, reconhecido não apenas pela sua beleza estética, mas sobretudo pela dimensão espiritual, educativa e identitária que sustenta. Ela expressa o equilíbrio entre corpo e natureza, pessoa e coletivo, humano e divino princípios centrais da filosofia Boe Bororo, que comprehende a vida como uma teia de relações em constante movimento e reciprocidade.

No contexto contemporâneo, preservar e valorizar a pintura corporal indígena significa também resistir aos processos de apagamento cultural e reafirmar o direito à diferença. Para os Boe Bororo, o ato de pintar o corpo é um gesto de continuidade e reexistência: é o corpo que fala pela memória dos antepassados, é o corpo que narra a história viva do povo e seu pertencimento ao território. Assim, o grafismo tradicional torna-se um documento sensível da ancestralidade, patrimônio que não se guarda em museus, mas que pulsa em cada rito, em cada cor e em cada corpo que se pinta.

Em resumo reafirmamos que a pintura facial Boe Bororo pode ser analisada sob vários aspectos, pertencimento; a saber cada clã tem pinturas específicas que evocam animais, aves ou espíritos associados ao clã. Por exemplo: grafismos que lembram o tucano, gavião, a arara a onça a cobra. Identitário; a pintura facial Boe Bororo serve como um “identificador”: quem vê o grafismo já consegue associar àquele clã. Isso reforça coesão interna e reconhecimento social e o fortalece o sentimento de pertencimento.

Boere tugujagudo nonogo tabo, joduwareu aredu ure nonogo kodudo, nonogo tabore boe kigodure tuijерадо kodi, boe enoroe nure ema, jamedu joduware jorubo jiuge ekigodure jorubo tugo kido guruto, dure ekigodure reko tuije, dukodire kidogure çore tubaduie boe keje du tabo, jorubo meture tada, uwo boe pegareu barigu boe piji, ia dukeje iaboe ekogodure dukeje ere jorubo bu tuie keje tube mege goduwo, nowu jorubo uduru mode rugadu, umode pemegago. nonogo, kidoguru tabore boe kigodure tuijерадо, jamedu joduware tuijera jiuge ekigodure tumedage eduwado tuijera ji, ewo bu tuie keje, nowu inodu akedu kawo du bogai.

Anore boe ero kigodure, dukodire egore boe etu pemega iagu nowu inodu ji, boe eiagu awu riçodure ainouge eduwado tuijera ji, eduwawo ji, egore ia boe ejera uie nono apo oto reore, kuruguga bo reore, kuido reore, adugo atugo magadure, aroro atugo magadure, dukodire boe ejera moture rugadu, boe ejera makare, joduware jiuge ere bu tuie keje.

Enquanto dimensão estética e artística, as pinturas possuem sofisticação visual nos traços, nas combinações de pigmentos naturais como o urucum, carvão, resinas, argila e nas formas de aplicação. Nessa perspectiva, a pintura facial não é um mero ornamento: ela integra e denota o sentido do belo e do simbólico, reforçando valorizada como expressão de arte do corpo.

Enquanto elemento cosmológico, as pinturas têm significado ligado aos espíritos, à natureza, ao mundo dos ancestrais, elas representam ligações entre humano, animal, ambiente espiritual. Alguns pigmentos ou tintas são usados também para proteção, um “preventivo mágico” contra males ou doenças. Saberes como as pinturas faciais transcendem o tempo e se reafirmam como um dos elementos principais da cultura Boe Bororo.

Dukodire, boe ejera, moture, makare, paga paga karegure, boe kigodu kare tumedage ejera bu tuikeje, mariguduege emerure nure tugujagu tabo, tuijera tabo, dukodire ewia godu kare toroe piji, dukodire egore awu maiguduege ewiagodu kaiagu, tuijera piji, toroe piji, ainore ure, padumoduie awu bapera keje.

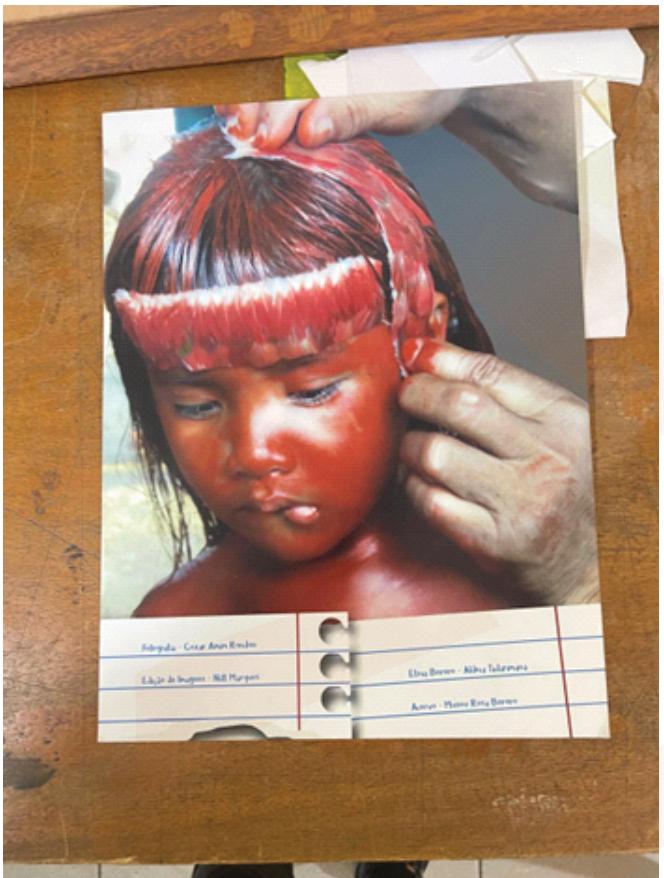
Para além da pintura corporal e tudo que ela representa já descrito nesse texto outro elemento/patrimônio cultural é citado desta vez pelo chefe Bosco Arquimedes chefe da cultura da aldeia Tadarimana o cocar parico a esse respeito o chefe narra:

Ainore nowu boe ejera jiboere, dure padure awu bapera keje, egore ia boe eno patrimônio cultural jamedu, egore boe eimejera Bosco Arquimedes, Tadarimana tadau nure ema, emare akoino turadodu tabo:



Pintura facial.

Fonte: Acervo Museu Rosa Bororo.

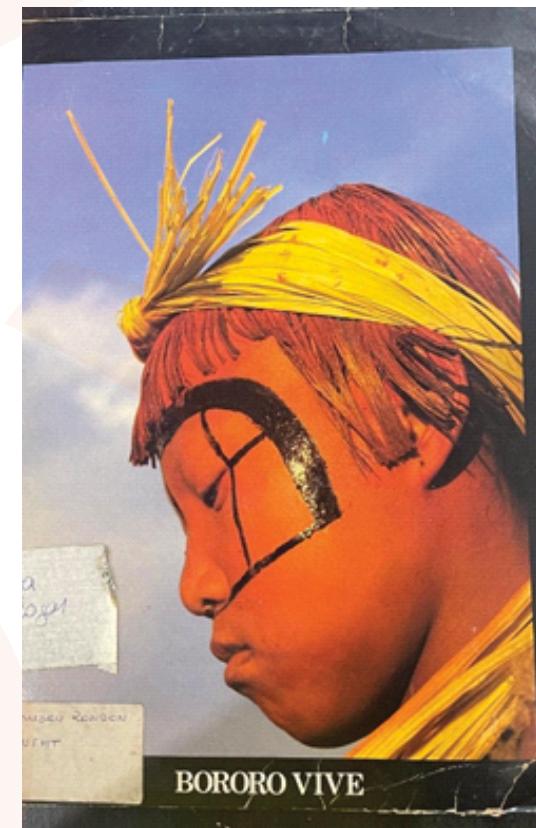


Pintura facial.  
Fonte: Acervo Museu Rosa Bororo.

... Pariko boe enoroe nure ema, mugure boe emuga rugadu boe keje, Pariko ure tuginai, ukare ji pureore, ure nono boe ejera magadure, boe karegure todou paga pagado. Pariko towujedure, iaboe ewire dukeje, pariko towujedure nowu bireu muga ka, imedu rabodu, aredu rabodu bire, muga kare pariko towu jedu mode, pariko towujedure, akedu mode boe erare keje, uwoboe etaragudu mode keje, ewia butu mode tuwoboe bireu keje kodi, dukodire etaragudure, dukodire pariko (Entrevista concedida pelo chefe Bosco Arquimedes Marido Kurireu do clã Tugarege e subclã iwagudo, da aldeia Tadarimana, concedida em outubro 2025).

...O coca parico é um adorno dos povos boe pertence todos os clãs e sub clãs mas cada sub clã tem um Coca diferente porque cada clã tem sua pintura diferente e o Coca ele é feito quando nos perdemos um ente querido das família e feito representando aquele que faleceu seja homem ou mulher pôr isso que quando é feito assim que termina é feito um canto da aquele subclãs os parentes todos choram porque lembra do parente que não se encontra mas na família pôr isso que esse Coca é muito sagrado pró os povo boe...

(Entrevista concedida pelo chefe Bosco Arquimedes marido kurireu do clã e tugarege e sube clã iwagudo Aldeia Tadarimana, concedida em out. 2025)



Pintura facial.  
Fonte: Acervo Museu Rosa Bororo.

O cocar parico, segundo o relato do chefe Bosco da aldeia Tadarimana, é mais do que um adorno estético ele é um símbolo de identidade coletiva e espiritualidade profunda entre os Boe Bororo. Sua confecção e uso revelam uma complexa rede de significados ligados à ancestralidade, ao luto, à memória e à cosmologia desse povo.

Primeiramente, o texto destaca que o cocar parico pertence a todos aos clãs e subclãs, mas cada grupo possui um modelo e pintura específicos, o que indica sua função como demarcador de pertencimento e diferença interna dentro da sociedade Boe. A diversidade de cocares reflete a pluralidade e o equilíbrio entre os clãs, reafirmando a estrutura social Bororo, que é organizada por relações de reciprocidade e complementaridade.

O cocar parico também tem um papel ritual fundamental: é confeccionado em momentos de luto, quando uma pessoa da comunidade falece. Nesse contexto, o cocar torna-se uma representação simbólica da pessoa que partiu,



Cocar parico do clã e Tugarege e sube clã Iwagudo.

Fonte: Cedida por chefe Bosco Arquimedes, out. 2025.

Pariko ainore ure, ainore boe eimejera Bosco akore turadodu tabo, akore pariko moture rugadu mare boe karegure todú pagado, ia bireu muga kare boe kigodore pariko towuje, dukodire boe kigodu kare tugu taurato paga tuje, ainore boe erore, boe egore pariko jiboe ji.

Dukodire awu bapera keje padure nuba boe ero kigodore tuwo pariko towuje, jamedu kaboba kodiba Pariko towujedu kigodore, pariko keje boe enoroe padure padure, nowu bireu muga kao oroere padure nowu pariko atugo keje, dukodire pariko mugu dodu nure muga ka kodi, ainore boe erore pariko ji.

Nowu Pariko, towujedu paga karegure taçí ia meri keje, towujedure boe pegare boe etai dukeje, ia boe epadure baiadada dukeje pariko towujedure, Dukeje boere nowu ia tuwoboe muga kawu pariko towuje.

Boe ere pariko towuje, boe erare pariko keje, boe etaragudure puwapo pariko keje, boe enogudure puwapo

funcionando como um elo entre os vivos e os ancestrais.

O ato de confeccionar o cocar, de cantar e chorar coletivamente, expressa uma dimensão espiritual e afetiva da existência Boe a certeza de que a vida e a morte estão entrelaçadas no ciclo da continuidade do povo. O trecho ainda revela que o Parico é um objeto sagrado, pois condensa a memória e a presença espiritual do falecido. Ele é tanto uma forma de homenagem quanto um meio de comunicação com o mundo dos espíritos.

Assim, o cocar transcende a materialidade: ele é uma forma de oração, de cura e de fortalecimento coletivo diante da perda. Portanto, o Cocar Parico sintetiza dimensões estéticas, sociais, simbólicas e espirituais da cultura Boe Bororo. Ele reafirma a ligação entre os clãs, mantém viva a memória dos antepassados e expressa a cosmovisão do povo, que entende a morte não como fim, mas como transformação e continuidade da existência no corpo coletivo da comunidade, assim tanto a pintura corporal quanto o cocar Parico são concebidos pelo grupo como um dos elementos símbolos de sua cultura.

Em se tratando de cultura podemos afirmar que em termos gerais, tudo que foi descrito até então neste livro é considerado como cultura dos povos Boe Bororo com ênfase nos grupos que vivem nas aldeias de Tadarimana e Korogedo TI Tereza Cristina, estado do Mato Grosso. Nossa pretensão não é abratar toda riqueza cultural desse grupo, mas entendemos convidar a pensar suas formas de ser e existir no mundo e apresentar processos culturais.

Dessa forma, nossa orientação/escrita é traçada pelos conceitos de ancestralidade e patrimônio cultural Boe

kodi, boe enogudure bireu bogai kodi, Pariko, boe enoroe paga karegure ema dukodire boe etu pemegare ji, ia tuwoboe bireu muga kejeu nure kodire etu pemegera pariko ji, akedure dukeje nowu bireu uwoboe ere tugie magu tabo bororo ji, boe erugadu boe eduwo ji, eduwo pariko ure turugadu duji, dukeje ia meri keje ere ia boe erure parudo, boe ereruwo nowu pariko tabo, Pariko jiboe kuriçigo.

Ainore ure dukodire, awu padure, awu bapera kejeu boe, egore livro aino ji, dure towujedure boe ero rogu paduwo keje, Towujedure Boe Bororo dogebo, mugure Tadarimana kejeuge, Korogedo Paru kejeugebo TI Tereza Cristina, estado do Mato Grosso emage ebore awu bapera towujedure. Awu bapera keje, boe edu mode, nuba boe ero rogu boere, jamedu aidumode tuioduwawo boe ero rogu jiu, aiwomode awu bapera ji, jodu mode nuba boe ero kigodore, dukodire inagoino tagaiwodo awu pabera ji, taduwawo ia boe ero rogu boe ji.

Dukodire inagoino aidu mode tuioduwawo boe ero rogu jiu aiwomode awu bapera ji, joduwanode, nuba ero kigodore, nowu boe ero jire egore patrimônio cultural aino, dukodire padure awu bapera keje akedu kawo, boe, barae etaiwowo ji, boe ero makare, mare jamedu boe karega padu mode awu bapera keje.

Dukodire padure awu bapera keje kaboba jiba egore cultura aino, dukodire barae joduware nowu inodu jiuge etaiwore nowu inodu ji, emaragodore nowu inoduji, awu antropólogo dogere emaragodore nowu

Bororo; a ideia de não conceitualizar esses dois temas no início do livro foi uma estratégia e um convite a pensar o que, nas práticas desses grupos, vem a ser ancestralidade e patrimônio cultural.

Para tanto refletimos, sempre com auxílio da pesquisa do prof. Benildo, e os relatos das demais lideranças sobre origem mítica e histórica, cosmo percepções, materialidades e ritualísticas. Enquanto caminhávamos sobre os temas, narrando o jeito de ser e viver dos Boe Bororo, vamos entendendo o que é cultura, o que é ancestralidade e muitos mais. Seguimos entrelaçando esses conceitos nas práticas vivenciais dos Boe Bororo.

E vamos pensar sobre o conceito de cultura.

Para os pensadores ocidentais o que é cultura? Durante muitos anos pensadores, sobretudo da antropologia, vêm se dedicando a conceitualizar cultura desde Boas<sup>1</sup> (1848-1942), Larraia<sup>2</sup> (1986) e Geertz<sup>3</sup> (1989). Várias definições de cultura foram tecidas, aqui transcrevemos o conceito de cultura que norteia a nossa constituição de 1988 em seu artigo 216.

"Cultura pode ser entendida como o conjunto das ações por meio das quais os povos e grupos expressam suas formas de criar, fazer e viver" (Constituição Federal de 1988, art. 216).

<sup>1</sup> Para Franz Boas, **cultura é o conjunto de comportamentos, crenças, conhecimentos, valores, costumes e instituições que são aprendidos e compartilhados pelos membros de uma sociedade**. Ela **não é inata**, mas **adquirida por meio da aprendizagem e da socialização**, ou seja, é um produto histórico e coletivo, construído no tempo

<sup>2</sup> Para Larraia (1986), **cultura é o conjunto de comportamentos, conhecimentos, crenças, valores, costumes e padrões que os seres humanos aprendem e compartilham em sociedade**. Ou seja, ela **não é herdada biologicamente**, mas **transmitida socialmente**, através da aprendizagem, da convivência e da comunicação entre as pessoas.

<sup>3</sup> Para Geertz, o ser humano vive em uma "teia de significados" que ele mesmo tece. A cultura é essa teia o conjunto de símbolos, valores, crenças e práticas que dão sentido à experiência humana. Assim, compreender uma cultura é **interpretar o significado que as pessoas atribuem às suas ações**, e não apenas descrever comportamentos externos.

inodu ji (1848 - 1942), Larraia 1986 e Geertz (1989). Egore tuiodore nuba boe ero kigodure turo rogu boe ji, boe ero motuie rugadu, nowu inodu paduie constituição de 1988 em seu artigo 216.

Dukodire egore boe ero, kuriçigoie, nowu inodu taboere, joduwa mokare boe eiwuge, emode boe pa, kaboba doge nure boe rema, boe ero padure, tumedage boe pegareuge ero piji (Constituição Federal de 1988, art.216).

Jamedu awu bapera towu jedure du tabo, itaiwore, iwia pagare nuba boe ero kigo dure, nuba boe emaragodore woe to moto jeje, nuba boe emugu kigo dure toro bororo keje, nowu boero goia ure pado tuginai, boe pegareuge epiji.

Ainore ukigodure bapera atugodouge, egore, ainore ere Bartolomeu Mélia (1991), Ailton Krenak (2019), Davi Kopenawa (2015), Mario Bordignon (2021), Kogebou (2025) emagere ere bapera atugodo nuba boe ero kigodure turo boeji, egore boe eroi tugonoi boe pegareuge ero piji, boe eno motoie, boe eda mugure nowu moto keje, dukodire boe kigodure turo towuje, egore nowu boe ero keje, boe epaduie, dukodire eru bu, ture towu bapera keje akedu kao, boe ewiagodu kawo piji, boe etore riçodure ainouge eduwawo ji ekawo akedudu, epaduwo nowu inodu tabo

Porém, nessa pesquisa entendemos que cultura, para os povos originários, não é um conjunto de costumes ou produtos materiais, mas sim uma forma de viver em relação com a terra, com os ancestrais, com os seres da natureza e com a comunidade. A cultura é o próprio modo de ser e existir de cada povo, expressando-se em seus mitos, rituais, linguagens, cosmologias, modos de habitar e de se relacionar com o mundo visível e invisível.

Diferente da concepção ocidental, que muitas vezes separa “natureza” e “cultura”, entre os povos indígenas não há ruptura entre o humano e o ambiente. A cultura é entendida como parte do ciclo da vida, um saber que nasce do território e que se renova no convívio coletivo, nas práticas diárias, nas cerimônias e nos ensinamentos dos mais velhos.

Os povos originários compreendem a cultura como memória viva e dinâmica, transmitida oralmente de geração em geração. Ela não é algo fixo ou estático, mas um processo de continuidade e transformação, onde os conhecimentos ancestrais dialogam com o presente. Essa transmissão se dá de forma comunitária e participativa, por meio da oralidade, da prática ritual, das festas, da arte corporal, do canto, da caça, da pesca, da agricultura e do cuidado com o território.

A cultura, portanto, é territorializada e espiritualizada. Está enraizada na terra que sustenta o corpo e o espírito, e nela habita a presença dos encantados, dos ancestrais e das forças que garantem a harmonia do cosmos. É também um sistema educativo, pois ensina valores como o respeito, o equilíbrio, a partilha e o bem-viver, princípios que orientam as relações sociais e a ética comunitária.

Autores indígenas e indigenistas como Bartomeu Meliá (1991), Ailton Krenak (2019), Davi Kopenawa (2015), Mario Bordignon (2021) e Benildo Pereira (2025) enfatizam que, para os povos originários, cultura é inseparável do cosmo percepção o modo como cada povo entende a origem e a continuidade da vida. Nesse sentido, defender a cultura indígena é defender a própria existência dos povos e seus territórios em seus territórios, pois sem terra e sem espiritualidade, não há cultura.

pu oto keje, erijodu mode etore mode ewo tore eduwado nuba boe ero rogu boere, dukodire nowu jamedu boe padure awu bapera keje, ainore egore mariguduege eroie, eiure tore eduwado nuba ero rogu boere, emago nure ei eradodu nure ewiagai, marigudu bapera bokare kodi etaiwowa ji, dukodi enogituwa nure torei, eduwawo beo erro ji, aino rema awu maigiduege eno baperare, eduware bapera ji, dukodire ere bapera towu je, edure ji baperato, nowu inodu goiare umokare ewiago boe ero piji.

Dukodire awu bapera keje padure nuba boe ero kigodore tuwo boe ejera towuje, nuba boere toro ba tada tumuga boe ji, boe ejera paga paga karegure, tuwoboe ejerare padure boe keje, awu bapera towu jedure enarare ia boe dogei, aino

rugadu mode boe ero kigodore, egore ainono rugaduie ure, anonoie mariguduge ero kigodore, marigudu boe duwa kare barae, dukodire boe ero pemegare, boe ero jeture boe bo, boe erare, boere tuijeroado, boe emerure tugu jagu tabo, boere toroe bu tuwugeje, aino rema ukare ainono pugeje, boere tugujadu, tiejerado, ia boe ereru keje.

Aino awu bapera akedu nure, towu jedure, tunarae, tumagore ia boe ei du tabo, emagore ure bu bapera keje, bia pagare nuba egore turadodu tabo, jamedu aiwore awu ure bapera atugodo turadodu tabo boe ero ji, ainore ere Mario Bordgnon, Boe Bororo Benilton Pereira Kogebou, aiwore ere towu bapera ji, ure tugeragu nowu padure eno bapera keje boeji, ure atugodo awu bapera keje.

Ainore ure Boe Bororo doge, eno patrimônio cultural nure turo rema, nuwu inodu padure bapera keje, egore lei aino ji, egore boe ero akedu kaiagu, dukodire nowu bapera towu jedure, boe eduwo otoi, boe egowo boe nure imi, iro akedu maka, barae etaidure tuwo akedudo mare akedu mokare, boe enure, tore eduwado turo ji, tumagowo boe ewadaru tabo akedu kawo.

Ainore ure jamedu, awu bapera keje, ure barae ewadaru tabo, ure boe ewadaru tabo, boe etaiwowo ji, boe eduwa pemegawo ji, dukodire, ure towu barae enare boe dogei, tugawo awu bapera towu jedu paga pagado, awu bapera mugu rai mode boe ebo kodi, boe eno rumode ema, dukodire makore boe era ji, boe ejera ji, nuba boe erore toro batada, bo emugu paga paga karegure. Boe eda maka

Nesse contexto o principal patrimônio cultural dos Boe Bororo são as pessoas, a forma como elas se organiza em seus clãs, a forma como se relacionam com os “mundos”, quem os cercam, a formam, como honram seus ancestrais praticando seus rituais. Se para os Boe Bororo o maior patrimônio cultural são seus clãs, isto é, as pessoas, suas concepções e vivências nos convidam a compreender o patrimônio cultural como um conceito plural e dinâmico. O termo possui múltiplos significados, que variam conforme o contexto em que é empregado, mas quase sempre se refere a uma relação de pertencimento e de vínculo entre as pessoas e seus bens, sejam eles materiais ou imateriais.

guraga, jamedu boe keje, boe ero jetu kimore, boe era kigodore, boe ereru kigodore.

Awu bapera keje, pariko padure jamedu, boe enoroe nure ema jamedu du kodire padure awu bapera keje, pariko boe enoroe paga karegure ema, ia bireu muga kao nure ema, dukodire boe kigodu kare pariko kogudo taora kajeje, boe ewadure jiboe karegure ema kodi.

Jamedu awu bapera towu jedure, nowui baredure ure towuje, unarare ia boe doge joduware boe ero jiugei, tuwo awu bapera towuje, bia apagare emagoji, aiwore kaboba jiba egoino, dure ure bu awu bapera keje, boe erore jiboere padure awu bapera keje, akedu kawo, boe etaiwo ji, dukodire towujedure.

No caso em análise, interessa-nos o sentido de patrimônio enquanto herança cultural, algo que tem ou teve valor simbólico, histórico ou afetivo para determinado grupo, e que, por isso, é preservado para continuar vivo. O patrimônio cultural<sup>1</sup>, assim, constitui uma das expressões mais significativas da identidade de um indivíduo ou de uma coletividade. Esse patrimônio reuni bens, práticas e códigos que podem ser interpretados separadamente ou de forma integrada a partir de conceitos estruturantes, como memória, identidade, tradição e cultura.

Tanto a cultura quanto o patrimônio cultural são fenômenos relacionais, permanentemente ressignificados pelos sujeitos e grupos que os vivenciam, no ritmo das transformações sociais que moldam seus contextos. Nesse processo de ressignificação, são criadas memórias, narrativas e símbolos que conferem vitalidade e sentido ao patrimônio, tornando-o um texto vivo expressão da história, das experiências e das identidades daqueles que dele se reconhecem parte, a exemplo do Boe Bororo.

Assim, a escolha por trazer nessas páginas os clãs e as pinturas faciais como expressão máxima da ancestralidade e patrimônio cultural Boe Bororo se fez necessária porque essa escolha atende as narrativas coletadas durante a pesquisa onde são apontados a importância da organização social e os indivíduos como principal patrimônio cultural sendo elas/eles responsáveis pelo fortalecimento cultural, seja ele linguístico, social ou ritualístico.

Assim, chegamos a mais uma conceitualização construída no decorrer da pesquisa seja nas entrevistas ou nas leituras de textos/pesquisas realizadas por indigenistas como Mario Bordignon e indígenas como Boe Benilton Pereira. Para falarmos do conceito de ancestralidade/saberes ancestrais e para narrar nossas percepções voltaremos ao conceito de patrimônio cultural, pois as duas concepções são inseparáveis.

Para o povo **Boe Bororo**, o conceito de **patrimônio cultural** vai muito além da noção ocidental que o limita a bens materiais ou imateriais reconhecidos por leis, registros ou tombamentos. Entre os Boe Bororo, o patrimônio é parte de uma **cosmologia viva**, na qual **território, corpo, memória, espiritualidade e vida comunitária** estão profundamente interligados. Podemos compreender as dimensões desse patrimônio cultural a partir de alguns eixos centrais:

<sup>1</sup> Patrimônio Cultural, a partir do decreto de lei n° 25 de 30 de novembro 1937. "Constitui-se o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação a fatos da história do Brasil, por seu valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Material ou edificado é tudo que é palpável, podendo ser locomovido ou não. Exemplo: praças, edifícios históricos, documentos, ruas, sítios arqueológicos. No Brasil, o patrimônio cultural é protegido por leis como: Constituição Federal de 1988 (Art. 216); Decreto-Lei nº 25/1937 (tombamento); Decreto nº 3.551/2000 (registro do patrimônio imaterial). Exemplos de Patrimônio Imaterial: Saberes, conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; Formas de Expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. Fonte: IPHAN, acessado em setembro de 2025.

**Território como memória e vida.** O território não é visto apenas como um espaço físico ou um conjunto de recursos naturais. Rios, matas, lagoas e caminhos são partes constitutivas da identidade Boe Bororo, pois cada lugar guarda **histórias, mitos de origem e lembranças dos antepassados e encantados**. O território é, portanto, uma extensão da própria vida e da memória coletiva.

**Rituais e cerimônias.** As celebrações, como os **rituais funerários (Baitogogo)**, os **cantos e as danças**, mantêm viva a relação entre os vivos e os ancestrais. Esses rituais garantem o equilíbrio entre humanos, espíritos e natureza. São, ao mesmo tempo, expressões de patrimônio imaterial e formas de afirmação política e identitária, pois reafirmam a **unidade e a coesão social** do grupo.

**Saberes ancestrais.** Os conhecimentos transmitidos pelos mais velhos sobre **caça, pesca, agricultura, medicina tradicional, manejo da natureza e espiritualidade** formam um patrimônio dinâmico, constantemente renovado pela **oralidade** e pela **prática cotidiana**.

**Língua Boe Wadáru.** A língua é um dos pilares do patrimônio cultural Boe Bororo, pois nela estão guardadas as **cosmologias, os modos de pensar e de narrar o mundo**. Preservar a língua é, portanto, preservar a própria existência do povo.

**Novas gerações como guardiãs.** Desde cedo, **crianças e jovens** são iniciados na escuta das narrativas, nos cantos e nos rituais. A convivência comunitária é o espaço onde aprendem a ser guardiões do patrimônio cultural, garantindo a **continuidade dos saberes, práticas e valores Boe Bororo**.

**Território como memória e vida.** Boe eno moto, boe emeadu kurire to moto ji, nonore boere tuieda towuje, tuwai towuje, jamedu pobo kodure nono, boe etoru mugure nono, nonore boe emerure, boe ekodure, boe etowarae, dukodire boe kare prgado, boe etu nure ji, nowu pobo tore boe ewogu kigodore karo bagai tuwo kowuje, boe ekere karo rema, jamedu boe kare, boe toru, itura pegado, barogo muguwo toro boe tada, boe enogagere ia baregei jamedu kodi. Dukodire boe kare joruto tugo boeto, ukawo tumaedo, umode barege ewido duji, boe eno moto, kurikare jamedu, baraere turemo mato, edu pureture boe, mare boe kare tugera rawuje nowu turo piji, Mariguduge ekoda reo jamedu emagere ere turudo awu moto keje, emagore barae, ekorigodore bare dogei, dukodire boe eno motore aino.

**Rituais e Cerimônias.** Ainore egore boe eroie, boe emaragodu godu keje, boe eraie, boe ereruie, boere nowu mariguduege ere tuiduwado ji boe rogu towuje, boe ematorure aroe jamedu, nowu inodu jire egore patrimônio imaterial aino, boedu mokare ji, mare boe kigodore towuje.

**Saberes ancestrais.** Ainore ure, marigudi êdureugere, boe eduwado nuba boe erore, tumeruwo, tuwoguwo, nuba boe erore tuwo boepa towuje, ere pu joduwado jorubo ju, mariguduege erubo nure, dukodire boe kori kare, edurure joruboji. mariguduege nure boepa towuje, tuwo boe tugo tugewo, dukodire marigudu boe ewikare tuge boikoia, boe ekere rugadu, ainore boe erore marigudu.

**Lingua Boe wadaru.** Boe ewadaru, jire egore boe eno patrimônio cultural Boe Bororo aino, boe ewadaru goaire ure boe ero rugadu towuje, boe ewadaru tabore boe emago mode pui, emode pu joduwado bakaru ji, ainono mariguduege ero kigodore, tumago tabo puire emode pu joduwado, marigudu bapera bokare etaiwowo ji, aino rema emode bu bapera keje tuwiagodu kawo piji, Boe ewadaru akedu kawo, awu riçodure maiguduege eduwawo ji, itaiwowo nowu baperato bogai, ewiagodu kao piji.

**Novas Gerações como guardiãs.** Ainore ure, boe etore, ipare, nogware, irijodore tuwia paga tabo boe eradodae ji, etuwoboe ere eduwado tumago tabo ewiagai, ewia pagare boe era ji, etaiwore boe ereru ji, nowu inodu tabo eduwagodore boe ero boeji. Marigu toro baiodadare iparere tudo pui tumeaduwo, êdureuge eradodaji, jamedu enogitowa mode ei, emago mode ei, epemegawo erijoduwo tupemega tabo. Emagewo erijodore dukeje, etuwo, etaiwowo awu boe ero ji akedu kao.

Awu riçodure ainouge euwawo boe eroji, erowo ainono mariguduege ero magadure, eduwawo tureruwo, tumagowo boe ewadaru tabo, emugure toro ba tada, boe eda jamedu boeji, emago kimore tuwadaru tabo, ero jetu kimore ebo.

## DE ONDE VIEMOS, AONDE CHEGAMOS...

Encerrar esta caminhada pelo **patrimônio cultural** **Boe Bororo** é, ao mesmo tempo, retornar às origens e projetar novos caminhos: começo, meio e começo. Os saberes e práticas aqui apresentados mostram que, para os povos originários, **cultura e natureza não se separam**, são partes de um mesmo corpo vivo, sustentado por relações de respeito, reciprocidade e equilíbrio.

A cada canto, pintura corporal, ritual ou narrativa ancestral, o povo Boe Bororo reafirma sua conexão profunda com a terra, os rios, os animais e os encantados. O território não é apenas o espaço onde se vive, mas o ser com quem se convive. Cuidar da natureza, portanto, é cuidar da própria vida.

Os **saberes ancestrais** dos Boe Bororo nos ensinam que a verdadeira sustentabilidade nasce da escuta, escuta da terra, dos mais velhos, das águas e dos espíritos que habitam o mundo. Eles nos convidam a repensar nossa forma de estar no planeta, questionando o consumo, o esquecimento e a separação entre o humano e o natural.

Reconhecer o **patrimônio cultural dos povos originários** é também reconhecer suas **filosofias de existência**, que nos lembram que o futuro só será possível se aprendermos com quem sempre soube viver em equilíbrio com a natureza. Que este livro seja, portanto, um

## KABOBA PIJI BA PAGAREGODURE, KAIBA PAGAREGODURE...

Dukodire awu bapera akedu nure ,awu patrimônio cultural Boe Bororo jiboe. Awu bapera keje padure nuba ero kigodore tuieda keje, boe kare turo akedudo, joduware boero jiugere, joduwa kareuge eduwado nuba boe erore, nuba boe egore tuamago tabo bo ewadaru tabo, nowu inodu akedu kao.

Boe era, boe ekujagu, boe eradodure jitu boe, Boe Bororo doge eno moto reo, woere boe edure, woere boe kigodore turo towuje, boe erare, boe ererure, woere korogedo kodure, pogubo kodure woe boe eno moto keje, dukodire boe emeadu kurire awu moto ji, boe ture duedaji, boe kare joru tugo boeto, boe kare itura butudo tuwo boepa kurireu towuje, nono barae ero magadure.

Awu boero Boe Bororo doge ero, ere boe eduwadodu tabo iodure, itawore nuba ero kigodore tuwo pu joduwado, ewia pagare çodureuge enoga ji, nuba egore ture boe eduwado, nuba boe ero kigodore marigudu, egore tawia paga pemegado, taduwawo tagire tari jodu mode, tabaduwo çedodo keje awu inodu tabo, tawo joduwa kareuge eduwado, tagagowo ainore ere ioduwado, dure imode taduwado ji, paro akedu kao, pago bakaru akedu kao, boe nure pagi kodi, dukodire, paetu mode nowu paro rogu boeji akedu mokare.

Awu patrimônio cultural dos povos originários,

jamedu boe eduwawo eno filosofia de existências jamedu, boe eduwawo turo boe ji, boe kawo akedudo, boe erawo joduwa reugei ewo duiduwado nuba boe ero kigodore marigudu, emode boe eduwado dukeje ,emode bu bapera keje, tuwia godu kao piji, marigudure bapera bokare kodire, boe ewia paga nure joduwa reu bataruji, boe nure remo taorato tuwia godu kao piji, dukodire boe eimedu boe karega joduware turawo, raka guragare kodi, boe ewia paga nure joduwareu uraji, du tabo boe eduwa godu mode, dukodire awu bapera towu jedure ia boe emagore jiboe rogu padure keje, nuba boe ero kigodore, etaidumode taiwowo ji, tuiduwawo kaboba padure awu bapera keje, emode tugeragu ji, taiwowo ji, awu riçidure ainouge etaiwowo ji, emage eduware taiwowo bapera ji, bapera tore etaiwo kigodore, dukodire eduwagodore, nowu ino koiare awu bapera towu jedure, boe etawi bogai, kaboba jiba taidure tuioduwo, dukodire awu bapera pemegare rugadu.

Awu bapera makudu mode boe eda rugadu boe kae, boe etaiwowo ji, boe eduwawo nuba boe erore, padure awu bapera keje.

convite à reflexão e ao diálogo para que o conhecimento ancestral não seja apenas estudado, mas vivido e respeitado como caminho para a preservação da vida em todas as suas formas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BONDUKI, Nabil (org.). *Patrimônio Cultural Brasileiro: trajetória e desafios*. São Paulo: Editora 34. Edições Sesc São Paulo, 2023.
- BORDIGNON, Mário (Enawuréu). *Os Bororos na história do Centro-Oeste brasileiro: Bóe e-ró marigudúwo*. Cuiabá: Missão Salesiana de Mato Grosso. CIMI-MT, 1987.
- BORDIGNON, Mário (Enawuréu). *Roia e Baile: Mudança Cultural Bororo*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (Original: *The Interpretation of Cultures*, 1973).
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KOROGEBOU, Benilton Pereira. *Meu nome é Kogebou: a denominação Boe Bororo e seus significados no ensino de língua materna* / Benilton Pereira Kogebou - Barra do Bugres, 2025. Dissertação de mestrado Profissional defendida pela Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG- PPGECCII - Barra do Bugres, Campus Universitário de Barra do Bugres "Deputado Renê Barbour".
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos; ANGATU, Casé. *Saberes Ancestrais e Patrimônio Cultural Indígena*. Ilhéus: Editora Tupinambá, 2020.





FUNDAÇÃO AROEIRA

**rumo**